



UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
MESTRADO



EDUARDO LUIS CORMANICH

**O CONCEITO DE PSICOLOGIA FENOMENOLÓGICA NA
HUSSERLIANA IX E SUAS IMPLICAÇÕES PARA A PSICOLOGIA**

Juiz de Fora
2017

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
MESTRADO

EDUARDO LUIS CORMANICH

**O CONCEITO DE PSICOLOGIA FENOMENOLÓGICA NA
HUSSELIANA IX E SUAS IMPLICAÇÕES PARA A PSICOLOGIA**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Psicologia por Eduardo Luis Cormanich
Orientador: Prof.. Dr. Gustavo Arja Castañon

Juiz de Fora
2017

Eduardo Luis Cormanich

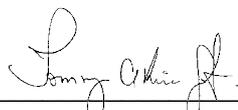
O CONCEITO DE PSICOLOGIA FENOMENOLÓGICA EM HUSSERL

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Psicologia por Eduardo Luis Cormanich

Dissertação defendida e aprovada em 31 de março de dois mil e dezessete, pela banca constituída por:

Orientador: Prof. Dr. Gustavo Arja Castañon
Universidade Federal de Juiz de Fora

Membro Titular: Profa. Dra. Nathalie Barbosa de la Cadena
Universidade Federal de Juiz de Fora



Membro Titular: Prof. Dr. Tommy Akira Goto
Universidade Federal de Uberlândia

RESUMO

Essa dissertação explana sobre o desenvolvimento do conceito de Psicologia Fenomenológica na obra do filósofo Edmund Husserl e, mais especificadamente, na obra “Psicologia Fenomenológica” que corresponde ao vol. IX da coleção de obras completas do filósofo, denominada Husserlina. Apresentamos o ideário husserliano através da formação do conceito de Psicologia Fenomenológica e como seu entendimento torna possível respostas a questões de cientificidade para a Psicologia, que estão presentes desde a sua fundação como uma disciplina científica moderna, desde o final do sec. XIX. Concluimos ser necessária a construção de um campo intermediário entre a Fenomenologia e os estudos científicos em Psicologia, através da redescoberta deste ideário proposto por Husserl para uma possível Psicologia Científica de bases eidético-transcendentais e que utilize-se do método fenomenológico, e do caráter intersubjetivo da psique humana como fundamento desta possibilidade.

Palavras chave: Psicologia Fenomenológica; Subjetividade Transcendental; Epistemologia da Psicologia; Psicologia Teórica.

ABSTRACT

This dissertation explores the development of the concept of Phenomenological Psychology in the work of the philosopher Edmund Husserl and, more specifically, in the work "Phenomenological Psychology" that corresponds to vol. IX of the complete works of the philosopher, denominated *Husserliana*. We present the husserlian through the formation of the concept of Phenomenological Psychology and how its understanding makes possible answers to questions about psychology scientificity, which has been present since its foundation as a modern science, at the end of the XIX century. We conclude that it is necessary to construct an intermediate field between Phenomenology and scientific studies in Psychology, through the rediscovery of Husserl's theory over the possibility of a Scientific Psychology of eidetic-transcendental bases and the usage of the phenomenological method, as well as the intersubjective character of human psyche as the basis of this possibility.

Keywords: Phenomenological Psychology; Transcendental Subjectivity; Epistemology of Psychology; Theoretical Psychology.

Totus Tuus, ego sum.

AGRADECIMENTOS

Antes de tudo, meus primeiros votos de gratidão são destinados àqueles que possibilitaram minha existência, e que me conduziram no bom caminho para que até aqui chegasse: meus pais. Agradeço por todo o cuidado e carinho, por toda dedicação e, principalmente, pelo exemplo de humanidade que recebi durante todos os anos de “peregrinação” nesta Terra. Obrigado pai pelo sempre presente apoio e auxílio, desde a tradução de textos para a elaboração do meu projeto de mestrado, até a torcida pelas minhas conquistas. Obrigado mãe pela ajuda e apoio a todo instante; por ter compreendido minhas ausências e, mais ainda, auxiliado no cuidado de meu pequeno para que eu pudesse também me dedicar, um pouco mais, aos meus estudos, e meus sonhos.

Agradeço a minha companheira, esposa e amiga, Débora, com quem tenho passado os melhores anos de minha vida, e a quem devo boa parte do incentivo para realizar esse sonho de progresso na carreira acadêmica. Agradeço, com todo meu coração, e com toda a minha alma a dedicação que teve com nosso filho Gregório desde o início – e Deus sabe o quão difíceis são os cuidados iniciais com uma criança. Agradeço ao amor e devoção com que sempre me acompanhou, mas, sobretudo, na fase final da elaboração dessa dissertação. Teria sido impossível chegar aqui sem a sua companhia, sua compreensão e sem seu amor. Agradeço-te eternamente por tudo isso, e sei que todo seu esforço não terá sido em vão.

Meu pequeno, lindo e amado Gregório, meu filho, que veio nos presentear com o dom da sua presença e, mais pessoalmente, veio me beneficiar com o título da paternidade, obrigado, obrigado e obrigado! Você é a luz que me inspira a cada dia, é quem me motiva a sempre continuar em frente, e quem me faz acreditar que o mundo pode ser um lugar melhor, no qual posso e devo me dedicar a trabalhar. Agradeço também pela sua compreensão, pelas inúmeras vezes em que precisei me ausentar para me dedicar a esse sonho e projeto para nossas vidas. Minha vontade de lhe proporcionar um futuro mais seguro é indiretamente proporcional, por vezes, à disponibilidade para ficar ao seu lado. Às vezes não é fácil conciliar uma coisa e outra – mas com muita paciência e

sabedoria, espero poder chegar a um meio termo “ótimo” que satisfaça a sua necessidade de minha presença, e ao amor que tanto lhe quero devotar.

Agradeço a amizade e presença constante – mesmo que distante – do meu amigo e Dr. Rafael Polidoro, que sempre me incentiva e questiona, me provoca e me leva a reflexão quando o assunto se trata de “dar um rumo à vida”. Obrigado meu grande parceiro dessa jornada terrena, nossa amizade resistiu muitos anos, com uma distância que passam já dos 4 dígitos, mas que não afrouxam nosso laços. Espero sempre contar com esta amizade. Minha conquista compartilho-a contigo!

Hora de agradecer a tantos e tantas que fizeram parte dessa caminhada. Seria muito injusto escolher poucos nomes, sendo que tantos e tantas contribuíram para que aqui chegasse. Mas algumas menções não deixarei de citar: ao meu irmão Rodrigo que sempre me inspirou o seguimento da vida acadêmica, que com seu exemplo de dedicação sempre me mostrou que é possível “dar um pouco mais” para atingir meus objetivos; ao meu irmão Gustavo que, a seu modo, sempre buscou me apoiar e incentivar em meus projetos; ao Grupo de estudos em Psicologia Existencial-Humanista da UFMG, e seus participantes, Raíssa, Raquel, Paulo “Jaspion”, Patrícia, Lívia e tantos outros que através das discussões e debates, tanto me incentivaram a continuar na busca pelo conhecimento; a minha “turma” da Psico, Leandro, Pedro, Karla e Breno, que nos anos de graduação, e nos intermináveis debates me mostraram que eu poderia levar a cabo meu interesse pela fenomenologia e pela epistemologia da psicologia; pelos ótimos e frutuossos debates ensejados nos corredores daquela grande escola do conhecimento FAFICH, sou imensamente grato à possibilidade de ali viver e aprender com inúmeros e prazerosos momentos.

Agradeço a Prof^a. Dr^a Claudia Lins, inspiradora e minha “iniciadora” nos passos fenomenológicos; agradeço a amizade e constante auxílio da caminhada da filosofia husserliana ao Prof. Dr. Tommy Akyra Goto; ao meu orientador que muito me aturou durante esses dois anos de mestrado, e que, com muita paciência, tem me ensinado a arte da filosofia, Prof. Dr. Gustavo Castañon; agradeço aos ensinamentos e ao colóquios fecundíssimos que tive com a Prof^a Dr^a

Nathalie de la Cadeña a quem devo inúmeros insights e clareamentos no tocante à fenomenologia husserliana. Agradeço ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia, e, em especial a funcionária Nilcimara que também muito colaborou – e aturou – durante os muitos problemas burocráticos que eu, de longe, lhe proporcionava.

Não poderia esquecer das incríveis amizades que fiz num curtíssimo espaço de tempo no mestrado, à minha turma com Clarissa, Marcinha, Aldie, Pablo – e ao “trio parada dura” que formei com Bruno e Diego. Nossos encontros e momentos juntos foram muito mais do que meras contingências; foram verdadeiros momentos de amizade e de recíproca intimidade. Foi incrível como em tão pouco tempo fomos capazes de encontrar pessoas tão semelhantes e tão afins. Obrigado por poder compartilhar esse trajeto com pessoas tão incríveis como vocês.

Agradeço a Quelen “Xuxu” e a Hugo que muito carinhosamente me receberam em Juiz de Fora, e me proporcionaram mais do que um “cantinho” pra dormir. Foram encontros muito rápidos, mas de muita alegria e trocas felizes em que passei com vocês. Me sentia verdadeiramente em casa com vocês. Muito obrigado por tudo o que fizeram para que esse sonho se tornasse realidade.

Agradeço por fim, à oportunidade misteriosa de crescimento e evolução que a vida sempre nos leva, e pela possibilidade de sempre superar-me a mim mesmo, a todo momento, meus medos, minhas limitações, e também minhas certezas e “verdades”. Por tudo que aprendi durante essa rápida jornada até o título de “mestre”, sou inteiramente grato a tudo e por todos que passei.

Sumário

INTRODUÇÃO.....	10
CAPÍTULO 1 – APRESENTAÇÃO DA QUESTÃO DA CIENTIFICIDADE DA PSICOLOGIA	15
1.1 O CONTEXTO HISTÓRICO DA PSICOLOGIA.....	16
1.2 A PSICOLOGIA MODERNA E SUAS CRÍTICAS.....	20
1.3 A FILOSOFIA E A CRÍTICA AO MODELO NATURALISTA EM PSICOLOGIAS.....	23
1.4 O CONCEITO DE PSICOLOGIA FENOMENOLÓGICA – UMA INTRODUÇÃO.....	26
CAPÍTULO 2 – PSICOLOGIA FENOMENOLÓGICA NA HUSSERLIANA IX	31
2.1. A CONSTITUIÇÃO DA HUSSERLIANA VOL. IX.....	31
2.2. POR UMA PSICOLOGIA NÃO-NATURALISTA.....	33
2.3. INTENCIONALIDADE: A POSSIBILIDADE DE UMA CIÊNCIA DO PSÍQUICO.....	37
2.4. PSICOLOGIA FENOMENOLÓGICA – UMA CIÊNCIA APRIORÍSTICA.....	43
2.5 O OBJETO DA PSICOLOGIA FENOMENOLÓGICA: A EXPERIÊNCIA PURA.....	47
CAPÍTULO 3 – ANÁLISE DA PROPOSTA HUSSERLIANA FRENTE AOS MODELOS PSICOLÓGICOS.....	54
3.1. A QUESTÃO ONTOLÓGICA: O QUE É A PSICOLOGIA?.....	55
3.2 A QUESTÃO METODOLÓGICA: COMO ESTUDAR O FENÔMENO PSÍQUICO?.....	60
3.3 A QUESTÃO EPISTEMOLÓGICA: COMO FUNDAMENTAR FILOSOFICAMENTE A PSICOLOGIA?.....	68
3.4 A QUESTÃO CIENTÍFICA: COMO VALIDAR O CONHECIMENTO PSICOLÓGICO?.....	73
CONCLUSÃO.....	77
BIBLIOGRAFIA.....	80

Introdução

Atualmente, muito tem se discutido e pesquisado a respeito da fenomenologia. Há um crescente interesse ao “voltar às coisas mesmas” do filósofo Edmund Husserl, e principalmente, existe uma tentativa de reinterpretar sua filosofia, adequando-a as necessidades mais atuais. Um dos campos de estudo que mais tem se valido dessa “redescoberta” da fenomenologia tem sido a Psicologia. Diversos trabalhos têm surgido com o objetivo de aplicar o método fenomenológico à pesquisa e à prática psicológica – mais especificadamente, no campo da psicologia clínica. Assim, surge um novo campo da psicologia, denominado Psicologia Fenomenológica, que tem ganhado cada vez mais interesse por pesquisadores e profissionais da área.

Junto ao crescente interesse desse novo campo de estudo, houve também uma crescente divergência nos entendimentos e nas aplicações dos conceitos fenomenológicos e, conseqüentemente, na própria compreensão do que seria a Psicologia Fenomenológica. Como discutido por Castro (2000) e também apontado por Goto (2008), junto ao crescente interesse por esse novo campo de estudo, estiveram acompanhados alguns equívocos provenientes das diversas interferências na própria história da fenomenologia; e, mais especificadamente, na história da chegada da fenomenologia ao Brasil, que foi feita de maneira não cronológica - com a chegada de autores posteriores a Husserl, p. ex., antes mesmo que obras importantes do filósofo pudessem ser conhecidas pelo público brasileiro – o que culminou num entendimento parcial da proposta

husserliana. Tudo isso ocasionou diferenças na compreensão e no entendimento da fenomenologia e sua relação com a psicologia (Holanda, 2016). Houve alguns autores que interpretaram a Psicologia Fenomenológica de modo a adequarem alguns pressupostos pessoais aos conceitos que estavam redescobrando na filosofia husserliana, de tal maneira que a fenomenologia serviu mais como um recurso argumentativo para filosofias propriamente desenvolvidas – em destaque, a relação da fenomenologia com o existencialismo (Feijoo, & Mattar, 2014; Feijoo, 2011; Giorgi, 2010; Forghieri, 1993) – do que como uma escola autêntica de pensamento. O resultado disso foi uma completa colcha de retalhos atuais, quando se busca compreender o que se entende por Psicologia Fenomenológica, principalmente no tocante ao campo próprio da Psicologia.

Por outro lado, é necessário compreender que a maioria dos equívocos não foram intencionais, nem mesmo premeditados. A compreensão do constructo “Psicologia Fenomenológica”, especificadamente em Husserl, exige do pesquisador, ao menos, uma compreensão do próprio ideário husserliano, de sua nova proposta para a ciência e para a própria filosofia. Como se não bastasse apenas essa limitação, muitas das obras do autor ainda encontram-se sem tradução do alemão. Portanto, justiça tem de ser feita, antes mesmo de criticarmos os possíveis equívocos causados seja pela não compreensão da proposta husserliana ou pela própria limitação do acesso às obras em si, não seria justo qualificar como menos criteriosas as pesquisas realizadas através do entendimento que lhes era possível à época, quando não se tinha o acesso às obras originais de Husserl. Porém, diante do crescente interesse pela temática da Psicologia Fenomenológica, principalmente no Brasil, faz-se necessária uma maior atenção por parte daqueles e daquelas que se “aventuram” no mundo fenomenológico. É possível encontrar usos inadvertidos de seus conceitos em lugares e meios nos quais seria impossível – para um pesquisador sério da área – usá-los. É como parte do processo de esclarecimento desses e outros possíveis equívocos que se coloca o presente estudo.

Esta dissertação se propõe a difícil tarefa de ajudar a esclarecer - ou ao menos, reduzir os equívocos - a respeito da proposta husserliana para as ciências; e especificamente, para a psicologia ao inaugurar um novo tipo de ciência psicológica, a Psicologia Fenomenológica. Entretanto, antes mesmo de adentrarmos mais pormenorizadamente no conceito de Psicologia Fenomenológica, será necessário contextualizar a filosofia husserliana em sua época, e, mais especificadamente ainda, dentro daquilo que Husserl propunha. Buscar aplicar os conceitos filosóficos husserlianos, tais como intencionalidade ou redução eidética, dentro de uma prática psicológica clínica sem ao menos tomar o cuidado de compreender os objetivos a que se propunha Husserl quando os construiu, é uma displicência que faz com que muitos ditos “fenomenólogos”, acabem por reproduzir erros descabidos a respeito da própria filosofia husserliana, e tanto mais quanto a própria compreensão do que deveria ser uma psicologia fenomenológica.

Visando mais do que apontar tais erros, o presente estudo quer resgatar uma versão mais próxima da proposta husserliana original para a psicologia. Por ora, cabe-nos dizer que a proposta husserliana não visava a simples prática clínica, que nem mesmo existia em sua época. Sua proposta visava corrigir o que considerava ser um erro grave cometido por vários recém-pesquisadores em psicologia da época, que era tentar incluir a nova ciência sob os mesmos moldes metodológicos das ciências naturais. Por isso, ao criticar tais iniciativas como a de G. T. Fechner (1801 – 1887) e W. Wundt (1832 - 1920), Husserl propunha, ao mesmo tempo, uma crítica aos moldes das ciências naturais e propunha uma reformulação das próprias ciências enquanto tais, como o fez em *A Crise das Ciências Europeias e a Fenomenologia Transcendental* (Husserl, 1954/2012), e em *Filosofia como Ciência de Rigor* (Husserl, 1911/2007). A crítica à psicologia recém-criada era também uma advertência, pois que Husserl compreendia ser muitíssimo danoso, não apenas para o futuro da psicologia, mas para a própria ciência enquanto tal – para não dizer para a própria humanidade – a adoção de uma metodologia totalmente desprovida de preocupações de ordem teleológicas a

respeito da própria psique humana. Na mesma esteira de suas críticas, estavam outros importantes filósofos, tais como Franz Brentano (1838-1917) e Wilhelm Dilthey (1833-1911).

Para se compreender, pois, o próprio conceito e a nova proposta husserliana dentro do constructo da “Psicologia Fenomenológica”, é necessário compreender que todo o esforço husserliano visará esclarecer a questão epistemológica em psicologia, a saber, como podemos compreender a subjetividade humana, em qual região ontológica ela se dá, e, ainda, que passos são necessários para se alcançar a experiência pura, enquanto tal. São essas questões que guiarão os passos do filósofo na busca da construção de uma nova psicologia que, além disso, deverá apontar para uma nova possibilidade de compreensão da própria subjetividade humana.

Portanto, desde o início, queremos esclarecer que não basta uma descrição do conceito husserliano de Psicologia Fenomenológica sem ao menos compreender o contexto histórico-filosófico ao qual está inserida sua obra, e quais questões tal constructo visa responder. Nem mesmo será possível compreender a nova psicologia que Husserl propõe se não mantivermos em mente problemas contidos na própria psicologia, desde a sua fundação. O problema levantado por Husserl, e que até hoje subsiste, é um problema epistêmico: como pode a psicologia, ainda hoje, se propor a estudar a subjetividade, sem que seu método seja capaz de alcançar o cerne dessa vida subjetiva? Como é possível descrever a subjetividade própria, ou a de outrem, sem esclarecer como resolver o problema dos conteúdos excessivamente pessoais, ou que enviesem a resposta? São essas questões de ordem prática e metodológica que Husserl busca responder com sua “filosofia rigorosa”, que não tem outro objetivo, senão desvelar a maneira de conhecer própria da consciência e todos os fluxos vividos dela pertencentes. (Husserl, 1911/ 2007)

Esse estudo, portanto, levando em conta essas questões levantadas, irá se desenvolver nas seguintes etapas: no primeiro capítulo abordaremos o contexto filosófico e científico no qual estava inserido Husserl. Daremos ênfase ao problema da cientificidade na Psicologia recém-criada, e como

alguns filósofos, incluindo o próprio Husserl, responderam e/ou criticaram tal iniciativa. No segundo capítulo, buscaremos descrever o conceito de Psicologia Fenomenológica desenvolvido na obra de Husserl, e, para isso, além da análise das principais obras do autor, nos deteremos mais demoradamente na análise do volume IX do conjunto de suas obras completas (denominado de “Husserliana”) que versa mais especificadamente sobre o tema da Psicologia Fenomenológica, e que recebe, inclusive, o mesmo título. Desde já assumimos a limitação de nossa proposta, ao utilizarmos a versão traduzida para o inglês da Husserliana IX. De fato, não foi possível o acesso ao original, pois esse não possui nenhum exemplar nas universidades brasileiras, além do que, o presente pesquisador não poderia ainda ter acesso adequado ao conteúdo por não dominar suficientemente a língua alemã. A versão francesa foi utilizada para esclarecer os trechos mais obscuros e/ou duvidosos. Visando minimizar a possível incompreensão, transcrevemos nas notas de rodapé os trechos originais das versões utilizadas. O terceiro capítulo deste estudo apontará como o constructo da Psicologia Fenomenológica foi compreendido e (não) assimilado por alguns de seus estudiosos, comparando o ideário husserliano de psicologia com as propostas e dificuldades encontradas pela psicologia desde o seu surgimento.

Capítulo 1

Apresentação da Questão da Cientificidade da Psicologia

Neste primeiro capítulo de nosso estudo, descreveremos o contexto filosófico e científico no qual a obra de Husserl foi construída. Na primeira sessão deste capítulo buscaremos traçar um retrospecto da disciplina psicológica e demonstrar como ela esteve sempre em constante ligação com a tradição filosófica. Na segunda sessão, destacaremos os principais cientistas contemporâneos a Husserl que tentaram fornecer alternativas para o surgimento de uma pretensa psicologia científica. A terceira sessão se destina a introduzir a filosofia husserliana, bem como destacar o surgimento da fenomenologia como uma crítica aos intentos da naturalização da psicologia. Na última sessão introduziremos rapidamente a evolução do conceito de psicologia fenomenológica na obra husserliana, objetivando auxiliar a compreensão do conceito de Psicologia Fenomenológica apresentado nas “lições sobre Psicologia Fenomenológica”.

1.1 O contexto histórico da psicologia

Todo este capítulo se justifica pela necessidade, sempre frequente, de contextualizar a obra do filósofo Husserl e, com isso, destacar seus objetivos, pois não é raro encontrar usos abusivos de sua filosofia em contextos que não se referem aos objetivos traçados pelo próprio filósofo. É mister, portanto, resgatar o autêntico sentido da filosofia husserliana e, mais especificadamente, a autenticidade do conceito de psicologia fenomenológica, e como seu entendimento pode elucidar questões que Husserl buscou combater durante sua vida, das quais muitas ainda se fazem sentir no meio psicológico, até os dias atuais, como buscaremos demonstrar. Para isso começaremos com uma pequena notícia histórica do pensamento psicológico.

A história da Psicologia se inicia muito antes dos primeiros intentos dos primeiros “psicólogos”, do final do séc. XIX. A história das ideias psicológicas perpassa toda a história da humanidade e da própria filosofia, conforme nos sugere Penna (1991). Por isso, num primeiro momento, destacaremos como a psicologia atravessou séculos até o presente momento, e quais foram suas principais formulações. O objetivo dessa pequena síntese histórica é ilustrar alguns dos motivos que levam esse trabalho a assumir o pressuposto de que nosso intento é demonstrar que nem sempre houve um mesmo paradigma científico (Kunh, 1962/1998) sobre essa disciplina. Para uma melhor compreensão de nossa abordagem sobre a psicologia, se faz necessário, de antemão, compreender suas várias acepções no decorrer dos tempos. Prosseguiremos destacando alguns pontos dessas primeiras ideias psicológicas. Obviamente, a descrição pormenorizada dessas ideias ultrapassa em muito aos aspectos aqui descritos. Restringiremos-nos a esses, apenas para exemplificar como a história da psicologia é bem anterior ao que a maioria dos manuais normalmente sugerem. Mais do que diferenciar a psicologia filosófica da psicologia moderna, nosso intento é poder lembrar, neste ponto do trabalho, como a psicologia sempre esteve em constante contato com as ideias filosóficas sobre a psique humana. Na verdade, a ideia de se construir um

estudo que aborde os aspectos psíquicos é bem anterior ao próprio modelo científico moderno, tal qual o conhecemos.

Dentro da organização sistemática das ciências aristotélicas, a Psicologia, acompanhada das ciências da Física e da Biologia, aparece como uma ciência da natureza. Dentro da descrição aristotélica de mundo e de ciência, as ciências da natureza seriam aquelas que descreveriam o mundo e seus fenômenos naturais, dentre as quais se incluiriam a própria Psicologia. O sentido psicológico em Aristóteles (384, a.C – 322, a.C), tal como o conceito de psique (ψυχή) remonta a noção de princípio vital, aquilo que anima os seres vivos. Portanto, a psicologia aristotélica é compreendida como a descrição não apenas dos atos anímicos (que poderíamos entender, como atos psíquicos, e/ou subjetivos), mas sim de toda gama de experiências a níveis corporais, emocionais e racionais. Por certo encontra-se em Aristóteles a afirmação de que a psicologia tem por objeto descobrir a natureza e a essência da alma, assim como de seus atributos. Não obstante o conceito de alma aparece apenas como expressão designativa de princípio de vida (Penna, 1991).

Aristóteles também descrevia a alma humana como dividida em três partes: a alma vegetativa, a sensório-motora e a racional ou inteligível. A distinção, pois, entre a alma animal e a alma presente nos homens seria a terceira parte, ou seja, a parte racional ou inteligível. Mais do que a racionalidade, a alma humana se distingue, na psicologia aristotélica, pelo seu princípio de finalidade, capaz de captar a essência dos objetos a qual se relaciona (cf. Penna, 1991). A noção aristotélica de mundo e de ciência restringia-se a uma noção mais empírica. Alguns dos pressupostos, porém, guiarão todo o movimento posterior que se seguirá na fundação da ciência moderna, tal como o realismo – que pressupõe a existência dos objetos independentes de uma consciência (Pereira, 2001) – tal como será resgatada e desenvolvida posteriormente na filosofia moderna.

Avançando na história da filosofia e da psicologia, encontramos René Descartes (1596-1650) e sua descrição dualista da realidade psíquica e corpórea. Remontando à noção platônica, o filósofo concebia a alma como uma substância diferente da do corpo (dualismo). Se para Descartes (1637/2013) o mundo visível poderia ser reduzido a formas matemáticas precisas, ou seja, à *mathesis universalis*, e, portanto, todo o conhecimento derivaria dessa mesma lógica matemática; o mesmo não poderia ser dito da psicologia, ou de qualquer conhecimento sobre aquilo que não se adequava ao mundo visível. A distinção entre *res cogitans* e *res extensa* proposta por Descartes e suas futuras aplicações provaram ser definidoras no que tange a impossibilidade de se adotar uma mesma metodologia capaz de estudar e descrever fenômenos tão díspares como os fenômenos físicos e os fenômenos psíquicos. Descartes, ao mesmo tempo em que propõe uma fundação das ciências sobre o alicerce “indubitável” e “preciso” da matemática, acabou por decretar a impossibilidade da fundação da psicologia, enquanto uma ciência rigorosa, sob os mesmos moldes das demais ciências.

Com David Hume (1711-1776) temos o início de um fenomenismo nas ciências humanas, e, conseqüentemente, os primeiros traços do empirismo. Hume pretendia repetir nas ciências humanas o mesmo sucesso obtido por Newton em relação à física e à astronomia. Para tanto, Hume desenvolve uma “saída” perspicaz às questões metafísicas que tanto envolviam a problemática metodológica encontradas nas ciências humanas. Para Hume não fazia sentido buscar uma solução para a questão da coisa em si; a melhor maneira de se abordar a vida subjetiva é relacionando-a ao mundo exterior de maneira direta. Segundo ele, todos os pensamentos não passam de uma “cópia” do mundo exterior. As ideias (ou pensamentos) seriam obtidas das impressões causadas pelos objetos que do mundo fazem parte (cf. Hume, 1739/2010). Dessa maneira, Hume cria o que ficou conhecido como o “princípio da cópia”, de tal maneira que, segundo sua definição, todo e qualquer pensamento poderia ser referenciado a um acontecimento exterior. Essa abordagem da vida interna,

com relações ao mundo externo, será desenvolvida e ampliada em Brentano e, posteriormente, em Husserl, como veremos adiante.

Seguindo a evolução do pensamento cartesiano no que tange às restrições da psicologia, Kant (1724–1804) se coloca explicitamente contrário a qualquer possibilidade de se erigir uma ciência psicológica. Segundo o filósofo em questão, para que a psicologia pudesse se tornar uma ciência, ela teria de ser capaz de superar, ao menos, três vetos (cf. Kant, 1974): o primeiro, de ordem epistemológica, no qual Kant rejeitava, de maneira geral, qualquer uso do método indutivo como forma de evidenciação em ciência; o segundo veto de ordem ontológica, Kant concebia como impossível a quantificação dos fenômenos psíquicos, pois estes não se reproduzem no espaço, apenas no tempo; e o terceiro veto, de ordem metodológica, o filósofo argumenta que os mesmos métodos utilizados pelas demais ciências não poderiam ser utilizados na psicologia, pois isto impossibilitaria a neutralidade do cientista, que teria de se haver a questão de se tornar, ao mesmo tempo, sujeito e objeto do estudo. Além do mais, o estudo dos fenômenos psíquicos é incapaz de se submeter a uma análise metódica, em partes – já que, para Kant, todos os fenômenos psíquicos se dão de maneira indivisível e única, portanto, incapazes de serem observados analiticamente. Esses vetos kantianos tiveram enorme influência no pensamento moderno e, mais especificamente, no pensamento positivista que se solidificou como modelo de ciência durante todo o século XIX e início do século XX. Toda e qualquer tentativa de se erigir a psicologia como uma ciência autônoma deveria ser capaz de superar esses vetos kantianos. Auguste Comte (1798-1857), fundador do positivismo, influenciado pelo pensamento kantiano, retira de sua descrição das ciências a psicologia, por considerar o método da introspecção – o único adotado à época pelos psicólogos – como uma impossibilidade metodológica para se criar uma ciência, nos moldes do pensamento positivista.

Mesmo com tais vetos, vários intentos foram surgindo, na tentativa de se erigir uma ciência psicológica, que atendesse aos requisitos propostos por seus críticos. Essas tentativas, por vezes,

conseguiam convencer certo número de pessoas e, portanto, criaram-se várias escolas psicológicas nesse sentido. Porém, à medida que a ciência psicológica progredia, iam surgindo também críticas aos métodos e modelos epistemológicos empregados. Nossa próxima sessão tratará de oferecer uma notícia histórica de algumas dessas iniciativas, e suas principais críticas. Como dito anteriormente, essa tem como objetivo contextualizar a crítica husserliana e ajudar na compreensão do ideário da proposta fenomenológica para a psicologia – que descreveremos no segundo capítulo dessa dissertação.

1.2 A Psicologia Moderna e suas críticas

Para compreendermos melhor a proposta husserliana, é importante descrever aspectos básicos das principais iniciativas científicas em relação à psicologia contemporâneas a Husserl. Seu ideário para a psicologia se estabelece a partir da crítica as tentativas de J. V. Muller, E. H. Weber, H. Helmholtz, G. T. Fechner, e W. Wundt.

Johannes Muller (1801-1858) foi fisiologista e médico alemão. Realizou vários estudos sobre a percepção e suas relações com os nervos receptores – sobretudo, a respeito do nervo óptico, que ficaram registrados em sua principal obra, o *Handbuch der Physiologie* (Müller, 1837). Sua doutrina poderia ser resumida em um princípio simples que dizia que “não somos diretamente conscientes dos objetos que nos estimulam, mas das modificações que eles produzem nos nervos” (Penna, 2001). Este foi um dos primeiros passos para um entendimento mais “naturalista” das percepções. Levar esse princípio ao extremo seria aceitar que não há uma atuação ativa da mente na percepção. Husserl irá criticar esse ponto em específico ao explicitar a função ativa da consciência nos atos perceptivos.

Hermann Von Helmholtz (1821-1894) foi matemático, médico e físico alemão. Foi o criador do princípio de conservação da energia, que formulou matematicamente. Defendia que não poderia haver energia proveniente “do nada”, e que por isso, seria necessário explicar, por exemplo, a contração muscular através deste mesmo princípio, eliminando assim a crença na suposta “energia vital”. Foi orientado por Johannes Müller e, motivado por este, conseguiu medir a “velocidade do pensamento”, ou seja, a velocidade dos impulsos elétricos para que fosse realizado um movimento. (Filho, 1995). Foi grande impulsionador da fisiologia e da compreensão dos impulsos elétricos como um todo. Como Müller, também influenciou grandemente na difusão da noção naturalista dos mecanismos psíquicos, e, por isso, foi também criticado por Husserl.

Ernst Heinrich Weber (1795–1878) e Gustav Theodor Fechner (1801-1887) trabalharam num novo ramo científico, denominado *psicofísica*. Médico e fisiologista, Weber trabalhou intensamente na busca de relações matemáticas que pudessem descrever como discriminavam o organismo humano suas devidas percepções. Formulou sua célebre lei: “As mínimas diferenças perceptíveis são relativamente fixas”, ao demonstrar que a diferença de percepções de pesos de objetos respeitava certa relação numérica fixa. Porém, foi apenas Fechner quem conseguiu dar uma formulação matemática para esta relação. Fechner, que através de vários experimentos, também desenvolveu uma psicofísica bem mais arrojada que seu predecessor, possuía também uma visão bem diferenciada dos fenômenos psíquicos. Diferentemente dos seus colegas psicofísicos, Fechner possuía uma visão monista do mundo, onde os fenômenos físicos e os fenômenos psíquicos seriam da mesma natureza. Segundo Castañon (2006), Fechner:

(...) defendia que quando encarávamos esses fenômenos em função de uma perspectiva externa, eles pareciam físicos, quando a perspectiva era interna, eles pareciam psíquicos. Assim, buscava as relações funcionais que tinham que existir entre fenômenos de uma mesma ordem, e acreditava que estas relações podiam ser expressas em termos matemáticos. (p. 127)

Essa abordagem monista dos fenômenos psíquicos, apesar de não possuir continuidade explícita nas demais correntes psicológicas que se seguiram, parece ter influenciado a descrição feita por Brentano. Pois, como veremos, em Brentano haverá uma busca pela superação dessa dicotomia “exterior-interior” a partir do conceito de intencionalidade.

Wilhelm Wundt (1832-1920) constitui-se uma personalidade emblemática para a história da psicologia. Não apenas por ter fundado o primeiro laboratório de Psicologia Experimental em Leipzig no ano de 1879, mas principalmente por trazer para uma discussão epistemológica mais profunda para a psicologia. O projeto wundtiano ainda necessita ser revalorizado e redescoberto, como indica o trabalho de Araújo (2010). O projeto de uma psicologia científica em Wundt não diz respeito apenas aos aspectos experimentais, mas, mais precisamente, sobre a ótica da fundamentação filosófica e metodológica que esse buscava oferecer para a nascente psicologia. Idealizou não apenas uma nova ciência, mas um grande campo de estudos a ser investigado, que tivesse na Psicologia Geral um ponto de partida. Acreditava que as disciplinas da história do desenvolvimento da mente e a psicologia comparada, seriam capazes de fornecer uma melhor compreensão da vida mental, não só humana, mas também animal. Buscou fundamentar sua metodologia numa nova possibilidade lógica de descrição da vida mental, e por isso, decidiu por abandonar o método dedutivo – utilizado amplamente nas demais ciências – para adotar definitivamente o método da indução. Sofreu inúmeras críticas, pois, como dito acima, os vetos kantianos já haviam proibido o uso de tal metodologia a fim de realizar verificações científicas. Mesmo elaborando uma metodologia que tentava dar maior segurança epistêmica ao método indutivo, não conseguiu fugir as várias críticas feitas a essa metodologia. Algumas características do método indutivo aparecerão também na proposta husserliana, porém, a fundamentação da psicologia fenomenológica difere, como veremos, da proposta wundtiana.

1.3 A filosofia e a crítica ao modelo naturalista em psicologias

Como dito acima, no final do séc. XIX surgiram várias iniciativas que visavam fundar a disciplina científica da psicologia. Essas primeiras tentativas não ficaram imunes às diversas críticas que outros filósofos e “proto-psicólogos” fizeram ao surgimento da disciplina psicológica. Podemos destacar a crítica de Franz Brentano (1838-1917), que dentre suas principais contribuições para o tema, escreveu a “Psicologia de um ponto de vista empírico” (Brentano, 1874/1935) onde critica o modelo naturalista assumido pela psicologia de sua época, bem como também sublinha algumas alternativas para a adequação do estudo do fenômeno psíquico a uma metodologia capaz de sustentar uma pretensa ciência psicológica. Alguns dos principais aspectos da psicologia brentaniana serão discutidos no próximo capítulo, uma vez que sua visão acerca do fenômeno psicológico influenciou grandemente Husserl e sua psicologia fenomenológica.

Outro importante filósofo contemporâneo aos intentos de surgimento da psicologia enquanto uma ciência foi Wilhem Dilthey (1833-1911). Dilthey buscará uma fundamentação mais rigorosa para a própria psicologia, mas que não necessite submeter-se aos mesmos moldes das ciências naturais. É de Dilthey a primeira discriminação entre ciências naturais e ciências do espírito¹. Dilthey defendia que a psicologia, bem como outras ciências emergentes como a sociologia e a história, deveria ter uma estrutura metodológica diferente das ciências naturais. Estas últimas possuiriam uma metodologia com fundamentação na matemática e, portanto, na possibilidade da redução de suas leis a axiomas propriamente matemáticos. As ciências do espírito, diferentemente, passariam por uma análise mais profunda entre as descrições pormenorizadas dos fenômenos comparados ao resultado da análise de seus significados (Dilthey, 1951). Tal linha de pensamento influenciará enormemente a Husserl e sua fenomenologia. O próprio Husserl

¹Dilthey formulou as diferenças entre as ciências da natureza (*Naturwissenschaften*) e as “ciências do espírito” (*Geisteswissenschaften*). O termo ciências do espírito é comumente traduzido por “ciências humanas”, ou “humanidades”, buscando-se diminuir o preconceito linguístico de cunho religioso e/ou espiritual que poderia ser atribuído pelo uso do termo “do espírito”.

reconhecerá a grande influência de Dilthey, porém sinalizará os limites do seu predecessor e a novidade trazida por sua própria filosofia, no tocante a superação de alguns possíveis equívocos anteriormente encontrados.

Neste ambiente de efervescência no debate do tema da psicologia científica, não era raro encontrar adeptos da visão filosófica que defendia o reducionismo da filosofia e da metafísica à ciência, e mais especificamente à ciência psicológica, que ficou conhecido como *psicologismo*. O psicologismo caracterizava-se principalmente uma tendência da época – influenciada pelo crescente positivismo – que buscava eliminar do discurso científico qualquer referência a uma metafísica ou fundamentação científica que não visasse tão somente ao modelo metodológico da observação e da verificação. Esse intento chegou a tal ponto de que muitos cientistas positivistas buscavam a superação de toda a tradição filosófica por uma “explicação” que pudesse dar conta de todos os equívocos provocados por argumentações que, na verdade, segundo seus defensores, apenas transmitiam sentimentos e percepções interiores, de tal maneira que, a veracidade e força das argumentações filosóficas ficariam resumidas a meras descrições de sensações interiores. Resumidamente, o psicologismo buscava reduzir a própria lógica e, portanto, a força das argumentações filosóficas, a fenômenos puramente psicológicos. Desta maneira qualquer tentativa de suplantar as “verdades científicas” através da contestação por força de argumentações contrárias, constituir-se-iam apenas de falsas explicações que não tem fundamentação alguma nas ciências.

Essa corrente influenciou grande parte dos cientistas da época, e, principalmente, aqueles filósofos defensores de um modelo positivista das ciências que buscavam se apoiar no discurso científico para fundamentar suas argumentações. O próprio Husserl, na sua primeira obra publicada, *Filosofia da Aritmética* (Husserl, 1891/1970) onde propunha uma fundamentação filosófica da matemática, acabou por insinuar-se como um adepto da corrente psicologista. Esta primeira obra sofreu inúmeras críticas, a mais conhecida, do filósofo Gottlob Frege (1848-1925), conseguiu convencer a Husserl de que o psicologismo deveria ser combatido, como sendo uma espécie de

relativismo. Em sua obra seguinte, a primeira grande obra que marcará uma autêntica filosofia husserliana, e que influenciará toda a fenomenologia posterior dela decorrente, suas *Investigações Lógicas* (Husserl, 1900/2014), Husserl buscará combater o psicologismo, demonstrando a necessidade de se resgatar um pensamento mais puro e genuíno, livre das críticas positivistas, que fosse anterior a própria possibilidade científica: a própria lógica. Esta obra teve grande aceitação por seus pares, inclusive pelo próprio Dilthey, que com Husserl trocou algumas cartas antes de sua morte em 1911 (Husserl, 1957). Já nesta obra, Husserl enfatiza a necessidade de se buscar uma fundamentação mais rigorosa das próprias ciências – que não fosse feita apenas através das verdades matemáticas – como poderia supor a tradição da filosofia moderna, fundada no pensamento cartesiano -, mas de algo que lhes seja anterior: a lógica pura.

Em análises pormenorizadas, são expostas as incoerências gnosiológicas e, principalmente, céticas, que se ligam necessariamente à lógica psicologista, e é assim também mostrado que o modo inadequado do tratamento da lógica até aqui, a sua falta de clareza e de rigor teórico, deriva de um errôneo conhecimento dos fundamentos e problemas mais essenciais. Dirigidos contra o psicologismo dominante, os *Prolegômenos* procuram dar então uma nova vida, sob uma nova figura, à ideia de uma lógica pura (Husserl, 1900/2014, p. 193).

Aqui também Husserl denuncia o grave engano da psicologia ao buscar adequar seu objeto de estudo, a subjetividade e os atos psíquicos, ao método das ciências naturais. Ao submeterem a psicologia ao método das ciências naturais, os psicólogos cometem o equívoco de reduzir o fenômeno psíquico a uma pequena parcela de fenômenos observáveis. Husserl irá sugerir o retorno ao estudo de um aspecto negligenciado da psique humana, a *intuição*. O resgate da intuição na obra de Husserl irá possibilitar uma nova visão da compreensão do próprio modelo científico e, no que se refere à psicologia em si, desvelará um novo modelo metodológico de análise das vivências e,

consequentemente, de seu próprio objeto de estudo. Serão estes importantes temas que Husserl lança nesta sua primeira obra que fundamentará também toda a sua fenomenologia, e, consequentemente, todo o seu ideário para uma psicologia fenomenológica.

1.4 O conceito de Psicologia Fenomenológica – uma introdução

A construção e a definição do conceito *psicologia fenomenológica* em Husserl perpassa toda a sua obra e acompanha passo-a-passo a evolução de sua própria filosofia. Para um profundo entendimento acerca dos vários entendimentos possíveis para esse termo, seria necessária uma completa revisão de sua obra, o que infelizmente foge ao escopo do presente trabalho. Não podemos nos furtar, porém, de uma análise que, no que pese nosso objetivo, ao menos vise elucidar algumas diferenças entre aqueles termos historicamente relacionados a esse em questão. A própria fenomenologia tem sua origem na construção da crítica ao modelo de psicologia adotado à época de Husserl – como anteriormente citado. E, o próprio conceito da *psicologia fenomenológica* também acompanha as transformações e as “guinadas” dadas por Husserl em sua própria teoria. Convém, portanto, buscar fazer uma rápida releitura nas principais obras do autor referentes ao tema.

Na sua primeira proeminente obra, as *Investigações Lógicas*, e mais precisamente no volume VI (Husserl, 1988), Husserl caracteriza sua nova metodologia como uma *psicologia descritiva*. Não uma psicologia semelhante a seu predecessor e mestre Brentano – uma psicogênese exaustiva dos fenômenos mentais – mas, como o próprio Husserl se viu obrigado a elucidar, tratava-se de uma psicologia descritiva dos atos psíquicos e também da clarificação das *essências dos atos psíquicos*. Sua análise, portanto, não buscava apenas uma descrição dos conteúdos desses atos, mas visava, principalmente, elucidar a própria essência do ato psíquico, sua constituição e sua origem no caráter intencional da consciência, como veremos adiante. O método que Husserl começara a

desenvolver nesta obra, e que ele levará a termo em outras obras posteriores, é o que possibilitará que ele alcance esse substrato da essência da vida psíquica. Esse método ele denominará *método fenomenológico*. A fenomenologia até então constituída, resulta dessa descrição pormenorizada dos atos psíquicos, com a busca da evidenciação de suas essências. Portanto, nesse primeiro momento, a psicologia descritiva de Husserl poderia ser facilmente confundida com a própria fenomenologia.

Mas a partir das *Investigações*, Husserl começa a pensar em outra formulação para a própria fenomenologia, buscando desfazer o possível engano do qual era acusado, ao tratar como quase sinônimos os termos psicologia descritiva e fenomenologia. No seu artigo publicado na revista *Logos, a Fenomenologia como Ciência Rigorosa* (Husserl, 1911/2007), Husserl visa estabelecer as diferenças entre sua recém-fundada Fenomenologia de uma ciência empírica psicológica. Segundo ele:

(...) na fenomenologia deparamos com uma ciência, cuja amplitude os contemporâneos ainda não imaginam, e que, apesar de ciência da consciência, não é psicologia: deparamos com a Fenomenologia da consciência, oposta à Ciência natural da consciência. Como não há de tratar-se de uma equivocação casual, é de esperar de antemão que a Fenomenologia e a Psicologia devem estar próximas uma da outra, referindo-se ambas à consciência, embora de modos diversos e em “orientação” diversa, podendo dizer que à Psicologia interessa a “consciência empírica”, a consciência na continuidade da Natureza, ao passo que à Fenomenologia interessa a consciência “pura”, isto é, a consciência na orientação fenomenológica (Husserl, 1911/2007, p. 19).

Ao buscar essa diferenciação, Husserl pretende deixar claros os objetivos de sua nova ciência fenomenológica, porém, cria, conseqüentemente, outro problema que posteriormente irá

buscar solucionar: se há a possibilidade de uma ciência empírica psicológica, que estudará a “consciência empírica”, como então a fenomenologia, a ciência que estuda “a consciência pura” se relaciona com aquela? Esta questão abre um novo campo de estudos para o próprio Husserl, que passa a se dedicar então na elucidação desse problema, e tem como resultado a sua obra *Ideias para uma Fenomenologia Pura e Para uma Filosofia Fenomenológica*² (Husserl, 1911/2014). Nesta obra Husserl clarifica sua metodologia fenomenológica e clarifica também o caráter eidético dos atos psíquicos ou da consciência. Ele proporá uma “nova psicologia”, a qual denominara de *psicologia eidética*, ou seja, aquela psicologia que tratará do caráter das essências dos atos intencionais da consciência, ou seja, dos atos psíquicos.

Husserl explicitará a necessidade de se fundamentar a pretensa psicologia científica através de uma ciência eidética que a anteceda. Segundo o filósofo, ainda em *Ideias I*, “toda ciência de fatos (ou ciência da experiência) tem seu fundamento teórico em ontologias eidéticas” (Husserl, 1911/2014). É através dessa constatação que Husserl propõe, portanto, o surgimento de uma nova ciência eidética que torne possível a fundamentação da ciência psicológica. A nova psicologia eidética terá como objeto de estudo a “*explicitação das leis essenciais, apriorísticas, da região ontológica da alma (Seele), propiciando a clareza conceitual necessária para a investigação posterior dos fatos psíquicos, domínio da psicologia empírica*” (Peres, 2014). Nasce aqui, portanto, um novo projeto husserliano que, apesar de estar subtendido em trabalhos anteriores, parece tomar forma e força, capaz de propiciar a fundamentação metodológica e epistemológica para uma possível psicologia científica, que leve em conta os aspectos intencionais dos atos psíquicos. Nos anos seguintes Husserl se dedicará exclusivamente a esse tema, e, entre os anos de 1925 a 1927, proferirá em Freiburg suas “lições sobre a psicologia fenomenológica”. Estes textos serão o tema central do próximo capítulo, no qual buscaremos expor mais pormenorizadamente as

² Esta obra é também conhecida pelo nome “*Ideias I*”, por se tratar do primeiro volume de uma sequência de três volumes pertinentes ao mesmo tema. Para o português, atualmente, apenas o *Ideias I* encontra-se traduzido.

especificidades do ideário husserliano e as novas possibilidades metodológicas visando sanar algumas das principais questões acerca do problema da cientificidade da psicologia.

Porém, antes de introduzir propriamente o principal foco desse estudo, cabe-nos ressaltar que o tema da psicologia fenomenológica sofreria uma nova alteração dentro da proposta husserliana. Mais especificadamente, nas suas obras finais, e em especial, em *A Crise da Ciência Europeia e a Fenomenologia Transcendental* (1954/2012), Husserl volta a tratar como sinônimos a então constituída Psicologia Transcendental (Fenomenológica)³ e a Fenomenologia Transcendental. Com isso também, ele aparentemente igualou os objetivos de ambas, ou seja, a obtenção das essências dos atos psíquicos através da redução transcendental. No parágrafo 72 da citada obra, Husserl afirmará “*Só existe uma psicologia transcendental, que é idêntica à filosofia transcendental*” (Husserl, 1954/2012, p. 208). Mas, ao investigarmos essa aparente equalização proposta por Husserl, verificamos que não se trata de uma igualdade ôntica, como se exatamente as mesmas coisas fossem; ou seja, quando Husserl busca comparar a psicologia transcendental (eidética) à filosofia transcendental, ele o faz no sentido de que ambos tratam do aspecto transcendental da vida psíquica. Porém, há uma diferença quanto aos objetivos de cada um desses campos de estudo: enquanto a filosofia transcendental, ou mais propriamente, o método fenomenológico de redução transcendental objetiva o acesso às essencialidades da vida psíquica, e nelas permanecem; a psicologia eidética, por sua vez, buscará compreendê-las (as essências) dentro de um entendimento do próprio fenômeno psíquico humano, enquanto tal. Enquanto para que haja a redução transcendental é necessária apenas a análise das minhas vivências; para a psicologia eidética, a possibilidade da compreensão de um outro, de um *alterego*, e de uma intersubjetividade que torne possível a compreensão da dimensão universal da vida psíquica, é a meta a ser concluída. Sua validação não se encontra apenas na correspondência com a lógica pura intrínseca da própria

³ O termo utilizado por Husserl nesta obra se refere diretamente a “Psicologia Transcendental”. Porém, como buscaremos demonstrar, o conceito de Psicologia Fenomenológica sofrerá inúmeras transformações e variações, ao ponto de que, nesta obra, uma das escritas por Husserl, ele deixa de usar o referido termo, para utilizar-se tão somente do termo “Psicologia Transcendental”.

possibilidade das vivências (como na filosofia transcendental), mas estabelece-se, principalmente, na possibilidade da compreensão de uma unidade intrínseca a todas as possibilidades de consciências:

Em virtude da redução, os outros se transformam, de homens para mim existentes, em *alteregos* para mim existentes, com o sentido de ser implicações intencionais da minha vida intencional original. Inversamente, também é válido: neles estou implicado, com toda a minha vida original, e todos eles, do mesmo modo, entre si. O que, então, cientificamente digo digo-o de mim e para mim, mas assim também, paradoxalmente, para todos os outros como transcendentalmente implicados em mim e entre si. A pura psicologia não conhece justamente senão o subjetivo, e admitir aí como existente algo de objetivo é já dela ter aberto mão. A infinita pesquisa psicológica, como pura e transcendental, diz respeito a este entrelaçamento intencional dos sujeitos e da sua vida transcendental, e realiza-se necessariamente segundo a figura que se orienta ao meu redor”. (Husserl, 1954/ 2012, p. 209).

Por ora, cabe-nos apenas ressaltar que a aparente confusão atribuída a Husserl, por parte daqueles que compreendem que a Fenomenologia Transcendental se iguala à Psicologia Transcendental, na verdade ocorre por uma má compreensão do próprio ideário husserliano. Nosso objetivo aqui será, portanto, buscar uma interpretação de Husserl que corrobore com nossa hipótese central de que Husserl tem a oferecer uma nova perspectiva epistemológica e metodológica para o surgimento de uma “nova psicologia”, capaz de fundamentar teoricamente uma pretensa psicologia científica. No terceiro capítulo desse trabalho voltaremos a discutir esse ponto de discordância na obra husserliana, e, a partir dos elementos elencados no segundo capítulo, oferecer uma possível resposta a esse impasse.

Capítulo 2

A Psicologia Fenomenológica na Husserliana IX

2.1. A Constituição da Husserliana vol. IX

No segundo capítulo dessa dissertação abordaremos o conceito de psicologia fenomenológica presente na obra da Husserliana vol. IX, também intitulado “Psicologia Fenomenológica”, oferecendo uma análise do mesmo. Essa análise se restringe à primeira parte desse volume, que corresponde às palestras proferidas por Husserl entre os anos de 1925 e 1927, na cidade de Freiburg, na Alemanha. Os demais textos da obra – tais como o artigo para a Enciclopédia Britânica e as Conferências de Amsterdã – não são considerados aqui. Essa análise conceitual tem como objetivo ajudar a melhorar a compreensão do ideário husserliano para a psicologia, para que essa possa assumir seu objetivo como uma *ciência apriorística* – como veremos a seguir – e como uma *ciência empírica*, nos moldes de uma ciência de base eidético-transcendentais.

No que tange ao presente capítulo, primeiramente gostaríamos de ressaltar que o presente trabalho não visa esgotar o debate sobre o conceito de Psicologia Fenomenológica em Husserl e as derivações desse. O objetivo é apresentar uma visão aceitável e fundamentada do conceito para posterior discussão com a questão sobre a cientificidade da psicologia. Assim, buscamos tão somente explicitar os principais argumentos proferidos pelo autor, através dessa breve exposição, e alguns subsídios para contrapor-los a alguns dos entendimentos conferidos a esse campo. Como veremos, boa parte dos argumentos husserlianos remontam a outros trabalhos dele já publicados à época, especificamente suas *Investigações Lógicas* (Husserl, 1900/2014). Portanto, Husserl não aprofunda no texto referido a análise das questões relacionadas à fundamentação da lógica pura – que, diga-se de passagem, é uma das maiores contribuições do filósofo e que também fundamentará boa parte do conceito de psicologia fenomenológica. Repetimos apenas algumas conclusões daquela obra, dando a entender que alguns pressupostos já são assumidos da leitura anterior das *Investigações*⁴.

Como defenderemos adiante Husserl, porém, acredita que a Psicologia Fenomenológica é uma algo diferente da fenomenologia, tanto em seu campo de estudo como em sua metodologia que diferem da atuação da fenomenologia *per se*. Portanto, quando citarmos Husserl, nos momentos em que ele se refere à psicologia *pura*, *psicologia a priori* ou mesmo à *psicologia fenomenológica* compreenderemos que ele está a falar de uma e mesma psicologia fenomenológica, como um projeto para uma psicologia teórica, ou seja, que antecede a psicologia científica, enquanto tal. Buscaremos justificar, oportunamente, como esses conceitos se relacionam a uma mesma ideia de psicologia fenomenológica, o que representará o próprio ideário husserliano para uma psicologia científica.

⁴Dentre alguns pressupostos assumimos como amplamente conhecidos, a superação do psicologismo frente a necessidade de uma refundação da lógica, tal como proposta por Husserl. Repetiremos as discussões sobre a intuição eidética e sobre a experiência pura tal como Husserl também o faz durante a descrição da Husserliana IX.

Postas estas ressalvas, apresentamos a seguir então uma “sumarização” das características fundamentais dessa “nova psicologia”. Segundo o próprio Husserl, ele dirá que podemos examinar as características básicas desta através dos seguintes “motes”: “Aprioridade, Eidética, Intuição ou Descrição Pura e Intencionalidade⁵” (Husserl, 1962/1977, p. 33, *tradução nossa*). Seriam estas as características básicas oferecidas por Husserl para a psicologia fenomenológica. Percorreremos então, no nosso trabalho, cada uma dessas características. Apresentaremos primeiramente os principais argumentos que fundamentam a crítica de Husserl ao naturalismo almejado pela psicologia na segunda seção desse capítulo, denominada *Por uma Psicologia Não-Naturalista*. Em seguida, buscamos justificar a importância do redescobrimto do caráter intencional da consciência e de como este foi apropriado de maneira original pela fenomenologia de Husserl, além de sua importância para um novo modelo de ciência na terceira seção do presente capítulo, denominada *Intencionalidade: a possibilidade de uma ciência do psíquico*. Posteriormente descreveremos a necessidade de uma ciência *a priori*, que fundamente tanto a psicologia científica como as demais ciências do espírito na quarta seção deste mesmo capítulo, denominada *Psicologia Fenomenológica – Uma Ciência Apriorística*. Por último demonstraremos qual o objeto de estudo dessa ciência *a priori*, a saber, as experiências puras e qual o método próprio para alcançá-las na última seção do capítulo, denominada *O Objeto da Psicologia Fenomenológica: a Experiência Pura*. Concluímos o capítulo buscando discutir os próximos passos dessa nova psicologia e as principais possibilidades de sua evidenciação e universalização.

2.2. Por uma Psicologia Não-Naturalista

Na análise husserliana, as várias tentativas de constituição da ciência psicológica foram fracassadas, pois estas 1) não conseguiram dar conta do problema da caracterização do seu objeto

⁵“Let us survey the basic characteristics of the new psychology, under the mottes: Apriority, Eidetic, Intuition or Pure Description, Intentionality” (Husserl, 1962/1977, p. 33).

de estudo, 2) não estabeleceram uma metodologia própria, capaz de garantir o acesso e a compreensão do seu objeto de estudo e 3) não conseguiram erigir uma teoria solidamente fundada capaz de percorrer um *continuum* intrinsecamente lógico (cf. Husserl, 1962/1977, p. 1). Serão esses os pontos que ele buscará fundamentar dentro do seu ideário para uma psicologia pretensamente científica.

Husserl relembra que, durante os séculos XVI e XVII, a psicologia também não deixou de ser cultivada, por vezes, com o mesmo esforço encontrado nas ciências naturais. Ele concluirá, porém, que apesar destes esforços, a psicologia ainda não pôde situar-se em um mesmo caminho promissor que a levasse aos mesmos sucessos obtidos nas ciências naturais. Segundo ele, dificuldades profundas, escondidas até então, impediram sucesso similar. Esse insucesso se devia ao fato de a psicologia ter cedido à “tentação do naturalismo” e a uma “imitação exterior dos modelos das ciências da natureza” (cf. Husserl, 1962/1977, p. 2), o que, para Husserl, é uma apropriação metodológica inadequada ao conjunto de fenômenos dos quais deveria se ocupar a psicologia.

Husserl argumenta que o modelo das ciências naturais não deve ser seguido pelas *ciências do espírito*⁶. As ciências do espírito teriam um funcionamento e leis próprias que não se adequam ao naturalismo que fundamenta as ciências naturais. Assim, a psicologia contemporânea a Husserl, aquela mesma defendida por vários cientistas como J. v. Müller, E. H. Weber, G. T. Fechner, e W. Wundt, etc. estaria fadada ao insucesso, pois buscaria enquadrar o seu objeto de estudo, a psique humana, em um modelo que não possui as mesmas leis de causalção, nem pode ser estudado pela mesma metodologia de estudo das ciências naturais. Husserl dirá que as ciências da natureza seguem o ideal da física atomística moderna e, segundo ele, seguir esse modelo para as ciências do espírito seria “subordinar as aparências da vida psíquica a um nexos causal por meio de um número limitado de elementos de forma equivocadamente determinada⁷” (Husserl, 1962/1977, p. 4, *tradução nossa*).

⁶ Referência ao termo cunhado por Dilthey, citado no capítulo anterior.

Husserl defenderá que os elementos físicos (naturais) possuem equivalência aos fenômenos psíquicos (mentais), principalmente no que tange a demonstração de sua existência e veracidade. Para ele não há distinção entre a verdade das duas modalidades de fenômenos, pois ambos têm como pressupostos as suas respectivas ciências apriorísticas, e essas, por sua vez, fundadas sob a mesma lógica pura universal. Husserl defende a suposição de um mundo real, não o nega; mas também sustenta a existência de um mundo que apesar de irreal (ideal) deva ser considerado como existente e, portanto, tão verdadeiro quanto aquele primeiro. Portanto, Husserl assume que, embora os fenômenos mentais não possuam uma existência no plano da realidade (tais como os objetos das ciências naturais), a possibilidade do conhecimento dos fenômenos mentais se baseia na mesma fundamentação epistemológica das ciências apriorísticas que fundamentam as ciências do espírito e as ciências naturais. Assim como as ciências naturais tem como fundamento metodológico e epistemológico a ciência apriorística da matemática, as ciências do espírito possuem sua fundamentação em outra ciência apriorística, a psicologia fenomenológica. Portanto, ambos os tipos de fenômenos não diferem, entre si, das suas bases epistêmicas de fundamentação, pois em Husserl matemática e psicologia fenomenológica se igualam em caráter de evidenciação.

Husserl constata que a matemática, a ciência apriorística da física moderna e, portanto, das ciências naturais, é ela também uma ciência que não trata de verdades ou proposições pertencentes ao mundo real, como tal. Argumentará Husserl que o que confere veracidade aos pressupostos matemáticos não é o mundo físico, mas a própria lógica que sustenta as suas proposições⁸. Dirá ele: “Uma proposição ou um número não é um evento real no universo, assim como não é alguma coisa que ocorre aqui ou ali, numa irrepetibilidade individual, movendo-se ou parada, ou exercendo

⁷ “As the latter does with physical appearances, so it wants to subordinate the appearances of psychic life to a causal nexus by means of a limited number of univocally determined elements.” (Husserl, 1962/1977, p. 4).

⁸ Como dito na introdução, nos furtaremos no presente trabalho às análises lógicas de Husserl, sem, contudo, deixar de explicitá-las quando necessário. Para uma melhor compreensão do tema conferir as Investigações Lógicas.

alguma causalidade⁹” (Husserl, 1962/1977, p. 15, *tradução nossa*). A matemática, portanto, possui uma relação de verdade própria que não precisa ter correlato no mundo real. É ela mesma irreal e possível de ser verificada, através de sua própria identidade numérica singular como verdadeira ou falsa, tais como os objetos do mundo real, dirá Husserl. (cf. Husserl, 1962/1977). Importante ressaltar que, nesta visão husserliana, a própria matemática torna-se uma verdade objetificada, ou seja, pode ser tratada, investigada e julgada como um objeto, da mesma maneira que os objetos reais o são. Defenderá Husserl: “objeto no maior sentido lógico universal significa nada mais do que tudo aquilo que concerne a afirmações que podem ter sentido pleno e verdadeiro¹⁰” (cf. Husserl, 1962/1977, p. 15 *tradução nossa*). Tomando este conceito de objeto e esta definição de que *preposições verdadeiras não são necessariamente reais*, Husserl então estende aos fenômenos psíquicos (irreais, porém existentes) as mesmas prerrogativas da ciência matemática; e o faz argumentando também que a existência dos fenômenos psíquicos independe da pressuposição de um mundo “real” e “externo”; mas antes estão com eles e neles intrinsecamente ligados, como veremos a frente.

Antes, porém, que qualquer relação com um idealismo velado possa ser feita, é importante ressaltar o cuidado que o próprio Husserl teve ao assumir tais pressupostos. Segundo a própria constatação da intencionalidade da consciência (que iremos melhor expor na sessão seguinte), não há como presumir que entre os aspectos vividos “interiormente”, ou seja, as vivências subjetivas sejam independentes dos seus correlatos no mundo “exterior”. Ambos fazem referencia a uma e mesma essência presente nos objetos¹¹. Esse entendimento a respeito dos fenômenos psíquicos é de extrema importância para a continuidade de entendimento da proposta husserliana. Por isso

⁹“A proposition or a number is not a real event in the universe, thus not something which occurs here and there, in individual irrepeatability, moving or resting, and exercising real causality.” (Husserl, 1962/1977, p. 15)

¹⁰“Such unreal or as one also says, ideal objects are, in their numerically identical singularity, substrates of true and false judgments just as real objects are; conversely, "object" in the most universal logical sense means nothing else than anything at all concerning which statements can be made sense-fully and in truth.” (Husserl, 1962/1977, p. 15)

¹¹O conceito de “objeto” aqui utilizado faz referencia ao conceito husserliano de objeto, como anteriormente citado.

dedicamos uma sessão específica para tratar do caráter intencional da consciência e como este estabelecerá a possibilidade de uma ciência a priori – a psicologia fenomenológica – e para todas as demais ciências do espírito.

2.3. Intencionalidade: a possibilidade de uma ciência do psíquico

Husserl reconhece o trabalho de seu predecessor e mestre Brentano, principalmente por este ter trazido de volta o conceito de intencionalidade da filosofia medieval para a filosofia contemporânea. Apesar disso, segundo Husserl, Brentano ainda manteve apenas a possibilidade de uma psicologia descritiva. Através da constatação da intencionalidade da consciência, Brentano buscava alcançar a descrição do funcionamento das características da mente através da suposição do mundo externo e de como esta afetava a mente, o sujeito. Em outras palavras, Husserl considerará Brentano como um naturalista, uma vez que este ainda defendia uma relação de causalidade entre o mundo natural e a consciência.

O conceito de intencionalidade da consciência provém da filosofia medieval que considerava que a consciência possuía uma *intentio*, ou seja, uma propensão a estar sempre voltada para algo fora dela, algo que não ela mesma. Brentano resgata essa característica e lhe confere uma nova importância, ao considerar que toda a atividade psíquica também possuía esta característica, ou seja, todos os atos psíquicos, como emoção, pensamento, lembranças, estariam relacionados a um objeto presente no mundo físico. Mesmo que tal suposição já pudesse ter sido defendida de maneira análoga por outros filósofos¹², em Brentano esse aspecto era colocado como uma característica fundamental da consciência e que possibilitaria a instrumentalização do mundo psíquico. Ora, se tudo o que se passa na consciência provém do mundo externo que nos circunda, é

¹²Como em David Hume (1711-1776), por exemplo, que considerava que todos os pensamentos tem sua origem numa impressão do mundo externo. Esse princípio ficou conhecido como o “princípio da cópia” (Hume, 1739/2000).

possível acessar o conteúdo da consciência explicitando as relações entre ela e o mundo físico. A diferença de Brentano para seus antecessores se dava pelo fato dele identificar um novo tipo de fenômeno, que podia ser tratado como objeto de estudo de uma psicologia sob o ponto de vista empírico: o “fenômeno psíquico” (cf. Brentano, 1874/1935). Tal qual Husserl irá defender, Brentano também pressupõe a existência do mundo interior, porém de maneira separada do mundo externo e dele dependente – entendimento este que Husserl discordará. Esse fenômeno psíquico, tomado como uma verdade, oriundo da constatação do caráter intencional da consciência, é o que possibilitará segundo Brentano a fundamentação de uma psicologia empírica. Porém, como Husserl observará essa psicologia brentaniana apenas conseguirá fornecer um aspecto descritivo da vida mental, sem conseguir explicitar os nexos intrínsecos da subjetividade. Por essas razões Husserl caracterizará Brentano como um naturalista, pois este argumentará que toda a vida mental dependerá exclusivamente do mundo natural, acabando por repetir um tipo mais velado de dualismo ao supor um mundo “externo” que afeta o mundo “interno”. Será diante deste dualismo, que precisa supor a primazia do mundo externo, que Husserl proporá uma nova compreensão do caráter intencional da consciência.

Husserl percebia que a constatação do caráter intencional da consciência poderia assegurar mais do que a simples descrição da vida interior. Ao assumir que nossa experiência interior se dá toda ela voltada a algo que não ela mesma, Husserl constatou que não é possível identificar uma relação de causalidade, pois do mesmo modo que podemos dizer que o mundo externo causa nossa experiência, poderíamos assumir também que é a consciência quem possibilita a existência do mundo externo e isso repetiria, novamente, o mesmo dualismo. Para fugir a este dualismo e a dupla causalidade, Husserl busca uma terceira via, e defende que não há consciência de algo em si fora dessa relação intencional, repetindo seu predecessor Brentano, e adiciona o caráter imediato da experiência, conferindo outra acepção ao caráter causativo. Isso implica em dizer que a vivência do mundo se dá num imediatismo entre aquilo que é conhecido e a tomada de consciência daquele que

conhece. A intencionalidade revela a dependência mútua entre a natureza da psique e a própria possibilidade de conhecimento do mundo. Portanto, essa será a característica que, segundo Husserl, conferirá toda e qualquer possibilidade de conhecimento do mundo e de si mesmo, e, portanto, de toda e qualquer ciência possível. E é a partir da constatação do caráter intencional da consciência que Husserl constituirá toda a fenomenologia e, conseqüentemente sua metodologia própria, principalmente no que se refere à redução fenomenológica, como dirá Lyotard (2008):

Com efeito, a intencionalidade não é apenas esse dado psicológico que Husserl herdou de Brentano, mas ainda aquilo que possibilita a própria *epoché*: perceber este cachimbo em cima da mesa, de modo nenhum implica ter uma reprodução em miniatura desse cachimbo no espírito, mas visar o próprio objeto cachimbo. Ao por fora de circuito a *doxa* natural (posição espontânea da existência do objeto), a redução revela o objeto enquanto visado, ou fenômeno; o cachimbo não é, então, mais que um face-a-face (*Gegen-stand*) e a consciência aquilo de quem há esses face-a-face. (p. 37).

Compreendemos, portanto, como o conceito de intencionalidade, em Husserl, não é apenas uma repetição de seu antecessor Brentano, mas é a própria busca da superação do dualismo cartesiano, que tanto caracterizou as disputas filosóficas de sua época, e mais especificamente, de toda a filosofia moderna. Não se pode, pois confundir a descrição intencional da consciência apenas como uma descrição óbvia do conteúdo da consciência; a obviedade está, antes, em compreender uma interdependência recíproca entre o ato da consciência – de maneira geral, o ato de conhecer, tomar consciência de – e o próprio perceber e vivenciar o objeto. Husserl exalta que aqui não há distinção nem temporal nem de causalidade, é um e o mesmo ato. É a própria *síntese intencional*, ou seja, a maneira própria da consciência de conferir unidade de significação às experiências, voltando-se para as coisas mesmas. O caráter a priori da consciência irá estabelecer-se como um

ponto diferencial entre a compreensão husserliana do caráter intencional da consciência, em relação ao seu mestre Brentano:

Essa psicologia a priori (eidética-intuitiva) só foi possível depois que a peculiaridade da análise intencional, de implicações intencionais, foi concretamente estabelecida e realizada em alguns segmentos; entretanto isso foi feito no início na intuitividade ingênua e antes de todas as questões pertinentes sobre sua importância empírica ou a priori. Contudo notar-se-á, já que é exatamente este ponto que deu à análise descritiva psicológica das Investigações Lógicas, um caráter essencialmente diferente do da psicologia descritiva e analítica que Dilthey havia exigido no interesse das ciências do espírito, bem como também essencialmente diferente da psicognosia de Brentano¹³ (Husserl, 1962/1977, p. 28, *tradução nossa*).

A intencionalidade será a responsável por demonstrar a unidade da correlação entre a experiência vivida e o mundo, enquanto tal, e será ela mesma quem possibilitará a emergência de uma ciência do psíquico. Husserl defenderá que a psicologia tem na intencionalidade a possibilidade de um acesso direto ao fenômeno psíquico. Dessa maneira, a intencionalidade seria capaz, ao mesmo tempo, auxiliar na superação de duas grandes dificuldades da psicologia: sua metodologia e seu objeto de estudo. Através da constatação da intencionalidade da consciência, começamos a compreender que há a distinção entre o objeto intencionado (referenciado ao objeto externo de nossa experiência) do ato de consciência, em si (que se refere ao próprio objeto de conhecimento em si, e que é obtido através da redução fenomenológica).

¹³ This a priori (eidetic-intuitive) psychology was possible only after the peculiarity of intentional analysis, of intentional implications, was concretely established and realized in some segments; but that was done at first in naive intuitiveness and before all question concerning its empirical or a priori significance. But you will notice already that it is just this point which gave the descriptively psychological analysis of the Logical Investigations an essentially different character from that of the descriptive and analytic psychology, which Dilthey had demanded in the interest of the historical and systematic socio-cultural sciences, and also one different from that of Brentano's psychognosy.

Na questão metodológica, poderíamos compreender que para acessarmos o psíquico não basta apenas “descrever” o conteúdo da consciência, antes é preciso desvendar a própria constituição da consciência, como esta “funciona”. Ora, se fica evidente através da argumentação de Husserl que a característica essencial da vida psíquica é a própria intencionalidade (cf. Husserl 1962/1977, p. 24), então não há como haver uma ciência psicológica, que trate dos atos da consciência, sem levar em conta o caráter intencional próprio desta. A aceitação dessa evidência nos coloca uma nova maneira de compreender a própria relação entre o mundo e nossa consciência. Agora não mais tentamos outorgar a um ou a outro uma maior evidência, mas, ao contrário, nosso esforço deverá ser, a todo momento, evidenciar a intrínseca relação entre consciência e mundo que apenas podem ser considerados como existentes na simultaneidade em que ocorrem e não mais como uma pretensa causa de um sobre o outro. A análise da vida psíquica consiste, pois, antes de tudo, na capacidade do psicólogo em colocar em evidência essa mútua relação entre a experiência e sua significação, em outras palavras, sua imanência e sua transcendentalidade, que configura o a priori da relação, sempre presente, entre a experiência do mundo e a consciência deste. Apenas assim, no esforço de evidenciar essa relação, será possível viabilizar uma psicologia que trate dos fenômenos psíquicos que embora “irreais”, são tão passíveis de ter sua existência verificada quanto qualquer outro objeto real, tal qual como ocorre nas ciências naturais.

Para fundamentar essa afirmação, podemos lembrar da própria analogia entre matemática e a psicologia *a priori* feita por Husserl, quando ele afirma que tal como a matemática trata de objetos irreais, porém existentes; igualmente a psicologia *a priori* também trata de objetos irreais, igualmente existentes e passíveis de serem verificados através da explicitação de sua lógica intrínseca¹⁴. (cf. Husserl, 1962/1977, p. 35).

¹⁴“These a priori sciences are related to the world insofar as they are formed with a view to knowledge of the world and as means thereto. A priori investigation is at the same time mediately investigation of the world. For example, the multiple spatial facts in factual nature correspond to the spatial, or, equivalently, geometrical, a priori. Given nature as spatial must obviously satisfy the essential forms and essential laws of every conceivable space, all conceivable spatial figures. Accordingly, geometry, in the infinity of its a priori laws, is simultaneously and eo ipso a knowledge of nature, a knowledge of the world of experience, though a one-sided, incomplete knowledge, relating only to the form of space.

Quanto ao objeto de estudo, como consequência também da aceitação da evidência da intencionalidade da consciência, surge uma nova tipologia, por assim dizer, de objeto. Não se trata aqui mais de um objeto mensurável e de existência no real; é antes um objeto que se evidencia na intuição originária da experiência. Essa intuição, segundo Husserl, não é coisa estranha à nossa experiência e ao nosso conhecimento de mundo; ela é, na verdade, condição *sine qua non* de possibilidade de qualquer conhecimento do mundo, seja ela referente ao mundo intrapsíquico, seja ele referente ao conhecimento das coisas em si. A intuição é, antes de tudo, quem possibilita a própria capacidade do conhecimento¹⁵ (cf. Husserl, 1962/1977, p. 21). Será por isso que Husserl defenderá que a “nova psicologia”, a psicologia fenomenológica, irá, ao mesmo tempo, fundamentar uma ciência psicológica e a própria teoria do conhecimento. A redescoberta da intuição como uma habilidade da consciência e, portanto, como ferramenta essencial no desvelamento da constituição da própria psique faz com que ela passe de mera conjectura abstrata para se tornar uma verdadeira “pedra angular” no entendimento da vida psíquica, um *a priori*, nas palavras de Husserl

¹⁶(cf. Husserl, 1962/1977, p. 27). Como poderemos alcançar essa intuição pura e, por consequência, In the same sense, the pure essential theory of the mental, of the individually psychic as well as of the socially psychic, and of the productions of society, is eo ipso simultaneously a knowledge of the world, with regard to the mentality which factually permeates it.” (Husserl, 1962/1977, p. 35)

15“Thus, instead of "a straight line is determined by two points," I assert then: "I judge, I am convinced, I am just now thinking by way of judgment that ;" obviously, I can now ask how does this judicative lived experiencing, the act of judgment, already passively given in its "how," look in more details? Does it admit of being further unfolded? What can I establish therein purely by intuition? And so in every case. The universal typology of thinking life had to be pursued here, and pursued in universal and yet purely intuitive descriptions. That belonged plainly to a psychology on the ground of "internal experience," which had already been in demand and in attempted execution since the beginning of the eighteenth century, already since Locke's Essay Concerning Human Understanding (a psychological theory of knowledge). But at the same time for more profound reasons, it had never arrived at systematic and pure descriptions, neither for the lived experiences of experiencing and thinking, nor for those of valuing, willing, and acting, nor for their imaginative, neutral counterparts of fantasy. The reason probably lay partially in the fact that one strove all too hastily to produce explanation in psychology, and to do so after the model of explanation in the natural sciences and thus slid quickly past the region of sheer intuition, sheer given ness on the basis of internal experience” (Husserl, 1962/1977 p. 21).

16“In other words, whether we take us men as thinking subjects, or whether we imagine angels or devils or gods, etc., any sort of beings which count, compute, do mathematics - the counting, mathematising internal doing and living is, if the logical-mathematical is to result from it, in a priori necessity everywhere essentially the same. To the a priori of pure

a própria experiência pura é objetivo de todo o trabalho fenomenológico de Husserl que precedeu a própria ideia da psicologia fenomenológica. Este será o assunto da próxima sessão.

2.4. Psicologia Fenomenológica – Uma Ciência Apriorística

Como ressaltamos já na introdução do capítulo, em Husserl encontramos alguns termos que sugerem equivalência, ou que até mesmo podem ser considerados como sinônimos. Os termos *psicologia a priori*, *psicologia pura* ou *psicologia fenomenológica* são mencionados por Husserl em diversas passagens do texto da husserliana IX sempre fazendo referência a um campo de estudo que seja capaz de fundamentar uma psicologia científica, mas que seja análoga a uma “ciência apriorística”, tal qual o é a matemática para as demais ciências naturais. Husserl irá insistir nessa equivalência entre a ciência matemática e uma ciência apriorística da psicologia, de maneira a argumentar que ambas fundamentam tipos diferentes de ciência, a primeira, fundamentando as ciências naturais e a outra, as ciências do espírito.

Isto é para ser *a priori* no mesmo sentido sóbrio no qual a matemática é chamada um *a priori* ou uma ciência não empírica ou, como dizemos também, uma ciência de essências, e, assim, ela demonstra uma peculiaridade que tem a sua evidência antes de qualquer "teoria" de conhecimento *a priori*, isto é, antes de qualquer interpretação epistemológica. Em vez de sujeitos humanos deste mundo, esta psicologia lida, portanto, com as essências ideais de qualquer matematização e, mais universalmente, de qualquer subjetividade que conhece, alguma que é para ser fenomenologicamente

logic and pure mathematics itself, this realm of unconditionally necessary and universal truths, there corresponds correlatively an a priori of psychic species, namely, a realm of unconditionally necessary and universal truths referring to the mathematical lived experiencing, e.g., the mathematical presenting, thinking, connecting, etc., i.e., as a multiple psychic life of any subject at all insofar as it is to be thought, purely ideally, as a subject which knows in itself the mathematical. If we take logical-mathematical objectivity as having to be able to become evident intersubjectively, then we would have to add to the single subject communicative subjectivity and its communalized life” (Husserl, 1962/1977, p. 27).

revelada a título de exemplo, mas alguma que seja idealmente possível, concebível na universalidade incondicionada¹⁷ (Husserl, 1962/1977, p. 28, *tradução nossa*).

Husserl defenderá que a matemática é uma ciência que está alicerçada sobre uma lógica pura e que, portanto, também possui entre os seus elementos fundantes os mesmos que alicerçam tal lógica. Um dos conceitos mais importantes dentro da descrição de lógica pura husserliana é o de *intuição*. A intuição segundo Husserl, como já dissemos, não é mera subjetividade. É antes possibilidade de constatação de verdade. Para Husserl não existe lógica, ou mesmo proposição verdadeira, sem que haja uma relação intrínseca com a intuição originalmente doada de maneira apodítica, sem nenhuma pressuposição que a anteceda ou que lhe ofereça condições de existência. Dessa maneira, atingir uma *intuição pura* é condição de verdade de qualquer proposição, seja ela lógica, matemática, ou, em nosso caso particular, psicológica. Dessa maneira ele acredita conseguir entrelaçar, sobre a mesma égide epistemológica as ciências apriorísticas da matemática e da psicologia. Funda assim uma psicologia *a priori*, uma “psicologia pura”, ou, simplesmente, uma “psicologia fenomenológica” que possui as mesmas referências à mesma lógica que fundamenta a ciência matemática.

Por conseguinte temos de compreender, pois, a própria relação entre a intuição e o fenômeno psíquico. Se a intuição é um pressuposto da própria lógica, o fenômeno psíquico, por sua vez, será aquele que dará possibilidade de toda e qualquer atividade intelectual a respeito do mundo e sobre si. Aqui, vale lembrar dos pressupostos apresentados na seção anterior, na qual apresentamos a noção de intencionalidade da consciência¹⁸. Os atos conscientes, por si mesmos, já

17 “It is to be a priori in the same sober sense, in which mathematics is called an a priori or non-empirical science or, as we also say, a science of essence, and thereby it displays a peculiarity which has its evidence prior to all “theory” of a priori knowledge, that is, prior to all epistemological interpretation. Instead of the fact of human subjects of this earth and world, this psychology deals, therefore, with ideal essences of any mathematising and, more universally, of any knowing subjectivity at all, one which is to be phenomenologically disclosed by way of example, but one which is ideally possible, conceivable in unconditioned universality.” (Husserl, 1962/1977, p. 28)

18 Husserl nas *Investigações Lógicas* identifica três significados para o termo consciência: 1. consciência é o ego empírico, o entrelaçamento unificado de experiências psíquicas em um fluxo unificado de experiência. Este significado de consciência é de caráter psicológico e refere-se à totalidade dos conteúdos reais (*reelle*) do ego; 2. consciência é o

correspondem à atividade psíquica, pois em Husserl a diferença entre os atos da consciência e os fenômenos psíquicos é só de abordagem, não de essência. Enquanto os atos da consciência dizem respeito aos diferentes modos de como nossa consciência experimenta o fenômeno, os fenômenos psíquicos por sua vez são a própria vivência destes tipos. A intuição, condição primária para a lógica, é quem confere o caráter de sentido da própria experiência. Mas não aquele sentido dado a *posteriori*, não um sentido obtido por meio da reflexão; antes, este sentido, que é obtido através da redução fenomenológica, e que corresponde, portanto, à própria essência da coisa em si, se identifica com a própria experiência em si. É também o que possibilita sua própria conscientização, sua retenção, não enquanto coisa material, mas enquanto marca indelével da própria experiência do ser. É a intuição quem confere o caráter da experiência original, pois ela também está localizada neste mesmo âmbito das experiências originais. Portanto, nossa experiência original, nossa experiência pura, está intimamente ligada à própria noção de intuição, e esta por sua vez é manifesta nessas experiências, na nossa “visão interna” da experiência, como dirá Husserl:

Além disso, por um tal procedimento, a caracterização essencial mais universal do ser psíquico e do ser vivido está exposta: intencionalidade. Vida psíquica é a vida de consciência; a consciência é consciência de alguma coisa. Este título genérico, consciência, com os títulos que pertencem inseparavelmente a ele - eu, a personalidade como tal, e objetividade como objetividade da consciência - esses títulos sobre os quais tudo o que é psíquico permanece, a consciência tomada apenas como ela se apresenta de acordo com a sua própria essência, na base da visão interior, esta dupla centralização da vida da consciência fornece para toda a psicologia do interior um caráter teleológico de centralização em seu progresso: a tarefa necessariamente surge de perseguir sistematicamente a descrição das

interior de um estar consciente de suas próprias experiências psíquicas; 3. consciência é outro termo para atos "mentais" ou "psíquicos", isto é, para experiências intencionais de todos os tipos. (Drummond, 2007). Neste trecho, em específico, estamos nos referindo ao terceiro conceito, algo mais próximo das consciências dos atos psíquicos a esta relacionados.

multiplicidades coerentes da consciência, que dizem respeito, essencialmente, ao tornar-se consciente o cognitivo, ou ser capaz de tornar-se consciente, de objetividades de cada categoria. Cada categoria de possíveis objetividades designa um índice para uma metódica regularidade de uma possível vida psíquica; todos os possíveis mundos reais, uma regularidade da possibilidade da vida psíquica intersubjetiva¹⁹. (Husserl, 1962/1977, p. 34, *tradução nossa*).

O alcance, porém, destas experiências originais só é possível a partir de uma mudança particular de olhar de concepção de nossa própria experiência. Apenas uma reflexão rigorosa a partir da nossa própria experiência poderia revelar essa originalidade. Essa reflexão, essa mudança de olhar, Husserl denominará como o próprio método fenomenológico, em si. É o método fenomenológico que nos coloca diante da experiência em si, enquanto tal. É este método que nos capacita a abandonar uma suposta permanência do mundo, da ideia de que o mundo pode se garantir a si próprio como existente, antes, agora e depois. Essa noção de um mundo que se mantém para além de nossa capacidade de retê-lo precisa ser “suspendida”, ou ao menos, “colocada entre parênteses” a fim de que possamos alcançar a pureza de nossas experiências através de uma verdadeira redução dessas noções, uma redução fenomenológica; que, por sua vez, atinja a *redução transcendental*. É a partir do alcance da experiência pura que, segundo Husserl, poderá emergir uma possibilidade de psicologia objetivamente orientada:

O que não foi de fato observado, desde o início, é que a método fenomenológico é essencialmente similar a psicologia a priori; se omite a mudança radical de atitude

¹⁹“Further, by such a procedure, the most universal essential characteristic of psychic being and living is exposed: intentionality. Psychic life is the life of consciousness; consciousness is consciousness of something. This generic heading, consciousness, with the headings which belong inseparably to it - I, personality as such, and objectivity as objectivity of consciousness - this heading under which all that is psychic stands, consciousness taken just as it presents itself according to its own essence on the basis of inner seeing, this twofold centering of conscious life, furnishes every inner psychology a characteristic teleological centering in its progress: the task necessarily arises of descriptively pursuing systematically coherent multiplicities of consciousness which pertain essentially to the cognitive becoming aware, or being able to become aware, of objectivities of every category. Every category of possible objectivities designates an index for a methodic regularity of possible psychic life; every possible real world, a regularity of possible intersubjective psychic life.” (Husserl, 1962/1977, p. 34)

pela qual apenas a (redução) transcendental pode se tornar uma temática e não se permite o co-funcionamento dos métodos intencionais relacionados ao transcendental, nem das relações com as questões filosóficas últimas, as quais levam muito além das questões da ciência natural.²⁰ (Husserl, 1962/1977, p. 32, *tradução nossa*).

Uma vez que obtenhamos a experiência pura, então podemos partir para uma análise mais pormenorizada deste conteúdo do psíquico. Essa análise e as constatações advindas dessa, é que formarão o primeiro corpus, a matéria-prima da psicologia *a priori*, a própria Psicologia Fenomenológica, que por sua vez, tem a missão, conferida por Husserl, de fundamentar uma autêntica Psicologia Científica.

2.5 O Objeto da Psicologia Fenomenológica: a Experiência Pura

Como citado na sessão anterior, é através da metodologia fenomenológica, da redução da experiência de seu caráter tomado “naturalmente” até atingir sua caracterização transcendental, que será possível atingir a experiência pura. A experiência pura é a evidenciação dos fenômenos psíquicos, é ela que possibilita uma psicologia *a priori* e será ela o objeto primário de investigação da própria psicologia enquanto tal. O que Husserl busca demonstrar é a necessidade de se “purificar” essa noção de experiência, uma vez que na visão naturalista de mundo, a experiência possui certo “ruído” que impede que ela se dê a conhecer de maneira direta. Porém, mediante uma mudança do nosso olhar, mediante uma suspensão da visão naturalista de mundo, a *epoché*(*εποχή*), a experiência se apresenta na sua essencialidade, na sua forma “pura” e, portanto, isenta dos ruídos que impedem o contato direto com sua essência. A originalidade de Husserl, repetimos, foi

²⁰“What was not the fact that the phenomenological method essentially similar to a priori psychology from the start, if one only omits the radical change of attitude by which alone the transcendental can become thematic and if one does not permit the co-functioning of methodic intentions relating to the transcendental, nor of philosophically ultimate questions, which lead quite beyond the normal natural science.” (Husserl, 1962/1977, p. 32)

evidenciar o caráter intencional da consciência e, portanto, da própria experiência em si enquanto caráter inegável do ser psíquico vivenciado pelo sujeito. Husserl foi além de seu antecessor e mestre Brentano ao apontar a transcendentalidade da experiência, compreendendo-a não apenas como um reflexo mental da coisa em si – o que acabaria por repetir o dualismo – mas evidenciando a maneira própria da ocorrência dos fenômenos na consciência, sua dação fenomênica, a própria apresentação das essências na relação direta com a experiência do mundo. Perseguir e defender esse posicionamento, essa “atitude fenomenológica” perante o “mundo da vida” é a condição para a psicologia, a única possibilidade viável de uma ciência psicológica, segundo o próprio Husserl. Será a análise dessa intuitividade das essências que proporcionará a primeira possibilidade de uma psicologia intuitiva, uma psicologia que evidencie toda e qualquer experiência como experiência pura, como correlato da própria intencionalidade²¹. (cf. Husserl, 1962/1977, p. 28)

Segundo então a proposta husserliana, nos deparamos com a tarefa de tornar possível não apenas a evidenciação de uma experiência pura, mas também a possibilidade de justificar como verdadeiras as proposições advindas dessas evidenciações. A experiência, para que se torne autoevidente, precisa ser alcançada através do método fenomenológico; mas para que possa se tornar uma “verdade”, uma proposição universalmente válida, precisa ser aprovada como autoevidente em todas as possibilidades onde ocorrer, seja em diversos sujeitos, em diversos lugares, em diversas culturas e em diversos tempos. Esse caráter universal da experiência, segundo Husserl se dá do mesmo modo que na matemática – que até onde podemos alcançar é uma “verdade” que resiste a todos esses fatores antes mencionados. A matemática trata de proposições que não necessitam de uma correlação com o mundo físico para se constituírem como verdadeiras. Como vimos anteriormente, as proposições matemáticas tratam de realidades ideais (não materiais),

²¹“This new peculiarity will still find an accurate clarification to the point of obviousness in the systematic and concrete expositions to which we shall soon pass over. This a priori (eidetic-intuitive) psychology was possible only after the peculiarity of intentional analysis, of intentional implications, was concretely established and realized in some segments; but that was done at first in naive intuitiveness and before all question concerning its empirical or a priori significance.” (Husserl, 1962/1977, p. 28).

porém, existentes. Com esse argumento Husserl então quer estender à psicologia fenomenológica, a psicologia apriorística, seu caráter universal. A psicologia fenomenológica trata de proposições eidéticas, mas, nem por isso, deveria ter suas proposições tratadas como menos evidentes, em relação, por exemplo, aos fenômenos físicos das ciências naturais. A força de sua evidenciação, porém, tal como na matemática, não pode ser dada apenas por seu caráter eidético. Não é o caráter eidético da psicologia fenomenológica que lhe conferirá sua apoditicidade.

A força de verdade das proposições matemáticas encontram-se, antes, no seu nexos interno; ou para melhor explicitar, encontra sua condição de verdade na própria lógica que lhe antecede. Essa lógica Husserl defenderá como universal e também eidética. Consumirá boa parte de seus esforços tirar a lógica de um aprisionamento psicologista para enfim conseguir devolvê-la seu *status* de pressuposto indubitável, auto evidente e apodítico. Será com este mesmo entendimento acerca da lógica que Husserl buscará fundamentar a Psicologia Fenomenológica. Husserl acredita ser possível encontrar nexos internos à psique que fundamentarão sua ciência apriorística. Esses nexos, o filósofo defenderá, podem ser encontrados em quaisquer tipos de vivência intencionais da consciência.

Os sentimentos, uma tonalidade afetiva, um pensamento que surge, um despertar esperançoso, etc. - nada deste tipo é uma experiência vivida de maneira isolada; isto é o que está no meio psíquico, nos seus entrelaçamentos, suas motivações, suas indicações, etc. Que são eles mesmo momentos indissocialmente co-vividos em nexos, da função psíquica²². (Husserl, 2001, pp. 16-17, *tradução nossa*).

O primeiro nexos, e talvez o mais importante a ser estabelecido, será o próprio caráter intencional da consciência, e, por consequência, o caráter que irá fundamentar todos os tipos

²²“Un sentiment, une tonalité affective, une pensée qui surgit, un espoir qui s’éveille, etc. - de pareils événements ne sont jamais des vécus isolés, ils sont ce qu’ils sont dans le milieu psychique, dans ses entrelacements, ses motivations, ses indications, etc., qui sont eux des moments indissociablement co-vécus de l’échaînement, de la fonction psychique”. (Husserl, 2001. pp. 16-17)

possíveis de vivências. Como dito anteriormente é a “perseguição” constante desse caráter fundamental da vivência psíquica que possibilitará uma compreensão propositiva da experiência. Não será suficiente, porém, apenas este primeiro nexos. Outras proposições, advindas desse primeiro nexos, deverão ser estabelecidas, a fim de que se possa erigir uma base sólida que possa fundamentar as demais ciências do espírito, e a própria psicologia científica.

Outra importante característica dos nexos psíquicos a serem buscados é a sua unicidade. Para Husserl a própria tentativa de divisão do psíquico de seu todo para as suas partes, faz com que o caráter teleológico da vivência psíquica se perca. Dentro da ótica husserliana não há como analisar o psíquico, suas diversas facetas, sem levar em consideração que, ao dividi-lo, há perdas irreparáveis e que descaracterizam ontologicamente as vivências e experiências enquanto tais. Dividir a experiência psíquica é retirar o caráter essencial da própria experiência. Assim como há nexos psíquicos entre as diversas experiências psíquicas, separá-las, sem levar em conta a unidade que os formam, seria descaracterizá-las daquilo que confere sua própria essência.

Depois de elencar essas características expostas por Husserl nos deparamos com uma limitação de sua proposta. Husserl não esclarece como poderiam ser obtidos e esclarecidos esses nexos psíquicos, de maneira a serem aceitos como universais. Algumas regularidades talvez fossem possíveis de encontrar, mas não a ponto de se tornarem universalizáveis. Isso ainda constitui um problema insolúvel dentro da proposta husserliana. Não é por menos que vários de seus críticos frisaram justamente este ponto de sua proposta como irrealizável. Entre eles, John Scanlon que escreveu o prefácio da edição da Husserliana IX, para o inglês, dizendo:

Contudo, nem ele (Husserl) mesmo faz todas as perguntas relativas a regularidades da psicologia empírica, nem mesmo, tal como consegue envolver uma orientação fenomenológica em relação à vida psíquica ou mental realmente observável em sua factualidade. Apesar de reconhecer o nível de trabalho como pertencente à

psicologia, Husserl nem entra nele, nem discute o método que seria adequado para ela. Em vez disso, ele discute a tarefa de uma clarificação fenomenológica dos conceitos básicos da psicologia, os conceitos que expressem fielmente as estruturas e características essenciais de qualquer vida psíquica e mental possível²³. (Husserl, 1962/1977, pp. x-xi, *tradução nossa*).

Apesar dessa pertinente crítica, defendo que podemos ainda resgatar a proposta husserliana e conferir-lhe outras possibilidades. Husserl não explicitou, factualmente, como seria possível a experimentação e a evidenciação desses nexos psíquicos. Porém, em vários trechos, ele evidencia a necessidade de transpor as experiências e constatações individuais para o âmbito das experiências comunitárias e universais. É neste ponto que emerge outro tema, muito importante para o entendimento da obra e da proposta husserliana, a *intersubjetividade*. Husserl cita em vários trechos da husserliana IX que sua nova psicologia, a psicologia fenomenológica, é quem evidenciaria os traços intersubjetivos da psique. Num trecho onde ele compara mais uma vez a matemática e a psicologia (como ciências apriorísticas) ele dirá: “Se nós tomamos à objetividade lógico-matemática como sendo capaz de tornar-se evidente intersubjetivamente, então nós devemos adicionar a subjetividade singular à subjetividade comunicativa e à vida comunalizada²⁴.” (Husserl, 1962/1977, p. 27, *tradução nossa*).

Se, por um lado, Husserl não define como essa psicologia fenomenológica deverá ser estabelecida, por outro ele estabelece critérios bem definidos sobre quais elementos deverão constituir tal campo. São elementos que não podem deixar de ser levados em consideração como, 1)

23“However, neither does he ask any questions concerning empirical psychological regularities, not even such as might involve a phenomenological orientation toward actually observable psychic or mental life in its factuality. While recognising that level of work as pertaining to psychology, Husserl neither enters into it nor discusses the method which would be appropriate to it. Instead, he discusses throughout the task of a phenomenological clarification of the basic concepts of psychology, concepts which would faithfully express the essential features and structures of any possible psychic and mental life” (Husserl, 1962/1977, pp. x-xi).

24“If we take logical-mathematical objectivity as having to be able to become evident intersubjectively, then we would have to add to the single subject communicative subjectivity and its communalized life” (Husserl, 1962/1977, p. 27)

o caráter eidético da psicologia fenomenológica; 2) o caráter intencional da consciência como constituinte do fenômeno psíquico; 3) a caracterização apriorística dessa nova psicologia, que dará condições para uma psicologia científica e 4) a busca pelos nexos psíquicos universais que formam a psique humana. A psicologia fenomenológica, porém, ainda parece estar distante de uma concretização, mas sua originalidade e sua crítica ainda são relevantes. Husserl defendia um modelo de ciência psicológica que não aceitasse o julgo naturalista, pois era consciente das perdas advindas dessa aceitação. Compreendia que caso a psicologia buscasse se adequar aos modelos das ciências naturais perderia, não apenas em força de evidenciação de seus pressupostos, mas também acabaria por renegar uma atribuição que lhe é própria, a saber, o estudo das próprias vicissitudes e vivências do ser humano que caracterizam aquilo que de mais próprio possui a essência humana, sua psique.

Ainda restam alguns trabalhos complementares que busquem evidenciar a possibilidade de uma psicologia fenomenológica com base não apenas na própria experiência, mas também na possibilidade da compreensão da experiência do outro como fundadora das vivências. Esse âmbito, a intersubjetividade, foi alvo de outros três volumes da husserliana. Esperamos que trabalhos futuros possam contemplar esse campo de discussão aberto por Husserl para que o ideário e as contribuições de husserlianas para a psicologia possam lograr êxito na superação da crise epistemológica que lhe caracteriza desde seu surgimento.

Concluo nesta análise que o conceito de psicologia fenomenológica pressupõe uma compreensão de que não é possível 1) uma relação entre o modelo das ciências naturais e o modelo das ciências do espírito, uma vez que a fundamentação das ciências do espírito passa necessariamente pela compreensão da caracterização da experiência como conteúdo da consciência intencional, e não de um mundo exterior real matematizável previamente assumido; 2) que a psicologia fenomenológica só pode ser exercitada através de uma compreensão profunda da relação entre a intuição eidética e a significação dada pela experiência pura, a saber, a característica imanente e a característica transcendental da experiência pura; e 3) que para que a psicologia possa

almejar uma evidenciação apodítica aos moldes das ciências naturais é necessário que ela jamais abandone sua “vocação” teleológica, ou seja, que jamais deixe de conferir às experiências humanas, nos seus mais diversos âmbitos, individuais, coletivos e culturais, uma significação que a ligue com uma natureza psíquica humana universal.

Compreendida a ideia geral da Psicologia Fenomenológica em Husserl, e quais os intentos do ideário husserliano para a própria psicologia enquanto ciência, e quais os passos necessários segundo a sua ótica para transformá-la de uma ciência eidética em uma ciência empírica, buscarei a seguir neste trabalho explicitar como a psicologia fenomenológica pode auxiliar a tarefa dos psicólogos – principalmente a dos psicólogos teóricos – a responder as questões epistemológicas que envolvem o problema da cientificidade da psicologia. Nosso próximo capítulo irá percorrer algumas alternativas oferecidas pela descrição do conceito de psicologia fenomenológica na obra estudada de Husserl, e passos que este autor ainda pode inspirar na busca de uma fundamentação filosófica para a Psicologia.

Capítulo 3

Análise da proposta husserliana frente aos modelos psicológicos

Neste capítulo começaremos abordando o problema ontológico da psicologia, a saber, como foi concebida enquanto ciência e qual a proposta da fenomenologia husserliana para ela. Na segunda sessão do capítulo, trataremos do problema metodológico, ou seja, como a fenomenologia se propõe investigar os fenômenos psíquicos a partir de uma concepção inédita. Na terceira sessão abordaremos o aspecto epistemológico, ou seja, qual a concepção de conhecimento que busca fazer frente ao positivismo e à visão naturalista que influenciou a psicologia moderna. Por fim, nos deteremos na questão de validação da investigação em psicologia e a proposta husserliana para sustentar o caráter científico e universal desta disciplina, assumindo o caráter transcendental da subjetividade.

3.1. A questão ontológica: o que é a psicologia?

Ainda no final do sec. XIX algumas tentativas de constituir a psicologia nos moldes das ciências naturais foram efetuadas, buscando submeter a psicologia ao rígido e controlado método científico de previsão e controle. Como já colocado, esses primeiros intentos sofreram várias críticas, principalmente por parte daqueles que não viam com bons olhos a tentativa de naturalização da psicologia.

As críticas podem ser agrupadas em dois lados. O primeiro grupo é formado daqueles que não aceitavam os modelos metodológicos propostos para o estudo dos atos mentais, como por exemplo, a descrição e o estudo destes fenômenos através do método introspectivo, ou seja, através de um método que não evidencia claramente a descrição de seu objeto. O segundo grupo era formado por aqueles críticos – principalmente filósofos – que não aceitavam que o objeto de estudo da psicologia pudesse ser objeto de uma ciência natural. Para esses, a subjetividade humana jamais poderia ser tratada da mesma maneira que os fenômenos físicos, através de testes e experimentos, sob risco de se perder a própria essência do fenômeno psíquico.

Husserl, entre outros, se enquadrava nesse segundo grupo de críticos. Para além das críticas, Husserl como vimos também elaborou uma sofisticada filosofia que visava colocar fim ao impasse que envolvia tanto a psicologia, quanto as demais ciências do espírito em vias de formação na época (tais como a sociologia e a história). Abordaremos aqui como a proposta fenomenológica de Husserl se propõe a responder os principais problemas enfrentados pelos primeiros psicólogos em suas tentativas de erigir uma disciplina científica. Avaliaremos como Husserl buscou responder aos vetos kantianos e, mais especificadamente, como ele busca estabelecer a psicologia fenomenológica como disciplina epistemológica fundamental para a criação de uma nova tipologia de ciência.

Como já observamos, a psicologia não nasce como uma disciplina pretensamente científica senão apenas no final do século XIX; nem mesmo inicia-se a partir da fundação do primeiro laboratório de psicologia em Leipzig, Alemanha, por Wundt, em 1879. A psicologia caracterizou-se, antes, pela busca do entendimento sobre como operam as relações entre “mente-corpo”, percepção e mundo, pensamento e ações, e tantas outras questões, que sempre permearam as discussões filosóficas ao longo da história humana. Ela foi durante muito tempo uma disciplina filosófica, mais especificamente, metafísica. Com o surgimento da ciência moderna surgiu também o interesse de se aplicar a mesma bem-sucedida metodologia ao fenômeno psíquico. Porém, isso foi feito – ou pelo menos, tentado- antes mesmo que pudessem ser definidas questões *a priori*, como o *que estudará a psicologia e quais métodos ela utilizará para investigar os fenômenos psíquicos*. Tais intentos foram lançados buscando desenvolver rapidamente essa nova ciência. Essa pressa e despreparo acabaram por gerar inúmeros atropelos que, até os dias atuais, impedem que ela se coloque como uma ciência “forte”, diante das demais ciências, tidas como modelos de cientificidade, como a física, por exemplo.

Assim, a psicologia começou sua história como ciência moderna buscando se enquadrar a um modelo previamente estabelecido, sem ao menos conseguir responder questões mais fundamentais, tais como, qual é o objeto de estudo desta nova ciência, e quais métodos que serão utilizados para se estudar tal objeto, tal qual observa Köhler (1929/1980):

Hoje em dia, já não é lícito negar que milhares de experiências quantitativas psicológicas foram feitas quase em vão. Ninguém sabia exatamente o que estava medindo. Ninguém havia estudado os processos mentais em que se baseava todo o processo. Parece que, no tempo de Fechner a Psicologia tornou-se uma ciência, não devido a sua psicofísica, mas apenas ocasionalmente e a despeito do programa quantitativo prematuro (p. 31).

Os primeiros intentos, como vimos anteriormente, se limitavam a fazer medições de reflexos comportamentais, ou se restringiam a descrever determinadas sensações e percepções internas, sem uma teoria anterior que fosse capaz de fundamentar tais descrições. Era notória a intenção de uma “naturalização” e “quantificação” da psicologia. Mesmo sem ter um objeto definido, procuravam-se fenômenos e leis gerais – como a mensuração de alguns reflexos – que, se encontrados, poderiam conferir a psicologia um status de cientificidade. É nessa época que Husserl irá criticar, primeiramente, a falta de teorização capaz de fundamentar a ciência psicológica (Husserl, 1900/2014). Sua precoce naturalização, segundo Husserl, acabou por gerar inúmeros enganos, que impossibilitaram à Psicologia alcançar uma definição clara de seu objeto de estudo e, conseqüentemente, uma caracterização do método capaz de explicar e conhecer esse fenômeno. Husserl, apesar das pesadas críticas dirigidas a esse intento, e, mais precisamente, ao relativismo oriundo do errôneo uso dado a psicologia, chamado por ele de “psicologismo”; ainda buscava clarificar o campo da psicologia, tentando devolver-lhe uma “vocaçãõ” a qual a Psicologia estava abandonando ao buscar render-se ao naturalismo completamente.

Husserl começa, inclusive, a desenvolver sua filosofia, e posteriormente, o método fenomenológico, a partir da crítica ao psicologismo (Husserl, 1900/2014). Porém, mais do que refutar o psicologismo – enquanto uma doutrina relativista e que punha em risco a própria lógica, e com ela toda a filosofia -; ele buscava superar o psicologismo, e não apenas combatê-lo. Husserl via o psicologismo como a tentativa de transformar a lógica em mais uma produto do próprio pensamento e, portanto, de subjugar toda a filosofia a uma ciência do psíquico. Ele defende que, no cerne do argumento psicologista havia, ainda assim, um núcleo de verdade, um núcleo capaz de conferir a psicologia o status de cientificidade, tão almejado por ela. Esse “núcleo de verdade”, como citado por Porta (2013) é o que Husserl busca evidenciar através da evolução de sua fenomenologia, e sobre o qual nos debruçamos a partir de agora. Esperamos defender adequadamente as pertinências de uma retomada do ideário husserliano, que busca uma

fundamentação propedêutica para a psicologia, e também para a própria filosofia e demais ciências do espírito.

A psicologia em Husserl é compreendida como uma ciência do psíquico, mas também como uma ciência capaz de descrever os “nexos intrínsecos à subjetividade” (Husserl, 1962/1977). A psicologia fenomenológica, segundo Husserl, tem o papel de fazer retornar ao centro da discussão científica, a própria noção de humanidade, seus valores, seu sentido ético mais profundo, e sua “finalidade” (Husserl, 1954/2012). Portanto, é a partir do abandono da “vocação” própria da psicologia realizado pelos primeiros cientistas da área, que Husserl começará a criticar o que via como uma tentativa de substituir todo o caráter filosófico e metafísico dessa disciplina por uma naturalização que, por limitar seus estudos a uma visão mecanicista do próprio homem, eliminaria, conseqüentemente, todos esses aspectos transcendentais de suas discussões.

Husserl defenderá que não é necessário à Psicologia se render a “sedução” do naturalismo para conseguir se fundamentar enquanto ciência. Defenderá Husserl, como vimos no capítulo anterior, que o fenômeno psíquico é tão existente quanto qualquer fenômeno do mundo físico. A impossibilidade da mensuração destes fenômenos, através dos métodos e tecnologias usuais às ciências naturais, não implica em sua inexistência. Apenas demonstra a limitação do modelo naturalista em relação a outros campos de fenômenos.

Husserl utiliza-se de um argumento ontológico e lógico para “provar” a existência dos fenômenos psíquicos, comparando-os equivalentemente à possibilidade de existência dos números. Para ele, os fenômenos psíquicos são tão existentes quanto os números, pois como eles, possuem uma lógica intrínseca que fundamenta e possibilita seu manejo. Se os números, apesar de não terem extensão, ainda sim não tem sua existência questionada, assim também, o que possibilita o manejo e a compreensão dos fenômenos psíquicos é a própria lógica e sua relação íntima com todos os atos da consciência. É isso o que assegura a sua existência, não é apenas a extensão no mundo físico que

pode assegurá-la. Portanto, assim como podemos assegurar a existência não física dos números devido às relações matemáticas, os fenômenos psíquicos podem ter sua existência assegurada através do desvelamento da lógica intrínseca que relaciona os fatos psíquicos uns aos outros. Tal argumento parece-nos convincente, ao menos no que tange a necessidade de se repensar não a impossibilidade da psicologia, mas a própria metodologia científica enquanto tal. Pois, se fenômenos psíquicos fossem tratados como impossíveis de ser acessados e estudados, a mesma postura epistêmica deveria ser atribuída aos números, uma vez que ambos possuem as mesmas identidades categoriais: não possuem extensão no mundo físico; possuem um caráter eidético (não real); tem uma lógica subjacente capaz de ser apreendida, e são tratados como “objetos” de um campo de estudo sem precisarem ser identificados ou mensurados diretamente.

Retomamos aqui agora, portanto, a noção indicada no capítulo anterior, a respeito do novo entendimento dado a Husserl ao conceito de “objeto”. Para Husserl (1962/1977) objeto não é apenas uma extensão da coisa em si no mundo real que possui características capazes de serem mensuradas, analisadas e relacionadas, até a redução última aos elementos constituintes da matéria (reducionismo fisicalista). O novo conceito de *objeto* em Husserl, remonta à própria constituição etimológica da palavra: “aquilo que está lançado diante”, e que por isso, pode ser compreendido enquanto a coisa em si, por meio da lógica subjacente a ela; não exigindo, necessariamente, sua extensão no mundo físico. Essa abordagem husserliana, se complementa com a compreensão da intencionalidade da consciência – que iremos discutir na sessão seguinte. Por ora, é necessário compreender que apesar de insuficiente para o desenvolvimento da psicologia, a noção de objeto em Husserl, e, mais precisamente, a noção dos fenômenos psíquicos como fenômenos eidéticos, possíveis de serem compreendidos e analisados através de uma metodologia própria (o método fenomenológico) é necessária para fundar a psicologia enquanto uma ciência com pretensões à verdade e universalidade. Apenas aceitando a existência dos fenômenos psíquicos enquanto existentes – apoiados na visão husserliana de objetificação dos fenômenos eidéticos como objetos –

é que se torna possível o estabelecimento de uma ciência de base eidética, composta por uma lógica intrínseca própria e que não precisa se voltar ao naturalismo para possuir valor de verdade e existência, como dirá Goto (2008):

A partir das considerações acima, observamos que Husserl, ao buscar uma psicologia conectada propriamente à vida psíquica, identificou a necessidade de uma psicologia nova pautada em um método *psicológico-fenomenológico*, que iria produzir uma investigação que não tivesse o caráter de uma investigação meramente empírica e tampouco naturalista; todavia, que pudesse revelar descritivamente como tal a genuína vida interior e sua relação (correlação) com o exterior. Como o próprio Husserl explicitou, “o tema exclusivo das Investigações Lógicas era o psíquico correlativo às correspondentes objetividades assumidas²⁵ (p. 191).

Com isso Husserl retoma o intento de vários filósofos predecessores, que buscavam uma fundamentação autônoma para as ciências do espírito, tais como Hume, Brentano e, especialmente, Dilthey – do qual ele irá se nutrir enormemente – e ao qual ele fará enormes referências para justificar sua própria visão. Ele adicionará apenas que a Dilthey faltou uma compreensão mais profunda dos fenômenos da consciência, que só seria possível de ser alcançado através do método fenomenológico, e da constatação do caráter intencional da consciência.

3.2 A questão metodológica: como estudar o fenômeno psíquico?

Por ora duas perguntas ainda precisam ser respondidas satisfatoriamente para prosseguirmos na exposição da proposta husserliana: O que é o fenômeno psíquico, e como é possível estudá-lo? Na ótica husserliana, podemos tentar responder a essas duas perguntas com uma

25 (Husserl, 1962/1977, p. 40).

mesma resposta: através da constatação do *caráter intencional da consciência*. De fato, o caráter intencional da consciência, revelado por Brentano desenvolvido por Husserl, é o que viabilizará, para a fenomenologia, a investigação dos fenômenos psíquicos.

Por caráter intencional da consciência, devemos compreender que todos os atos da consciência ou qualquer outro sinônimo para os fenômenos psíquicos são obtidos através da relação direta e indissociável entre *aquilo que é vivido e aquele que vive*. Em outras palavras, para que possamos, de fato, compreender como os fenômenos se dão, e como eles se comportam, temos de entender que a possível diferença existente na relação entre o ente e o vivido não passa de uma *ilusão* fornecida por uma atitude totalmente imersa numa postura dogmática sobre o mundo, como este opera, e como se algo independente da consciência de quem o apreende o fosse. Essa atitude, descompromissada com a análise da própria apresentação do vivido para o ente, é chamada por Husserl de *atitude natural* (cf. Husserl, 1911/2014). Essa é a atitude irrefletida, e também enganosa, que, segundo o filósofo, impede o acesso à coisa em si. Para Husserl, a coisa em si apenas se dá a conhecer através de um esforço metodológico, através da suspensão da atitude natural da relação ao mundo (*epoché*) para que, de fato, se possa alcançar a única coisa que, da coisa em si, permanece: a sua *essência*. O alcance da essência, na fenomenologia de Husserl, é denominada ‘redução eidética’, ou seja, a redução ao *eidos*, à essência.

A essência para a fenomenologia de Husserl não é apenas uma ideia que habita um mundo distanciado do mundo físico, da qual as coisas são meras reproduções imperfeitas, tal como na filosofia platônica. A essência em Husserl é obtida através de uma rigorosa redução metódica que alcança, após seu esforço, o resíduo que torna possível a compreensão da relação entre a consciência e a coisa em si: a própria essência do fenômeno. Na fenomenologia husserliana, o fenômeno é o que possibilita o acesso à essência, ou seja, o acesso do vivido. Assim compreendido o fenômeno, diferentemente da tradição filosófica kantiana, que acredita ser o fenômeno apenas

uma forma aparente da coisa em si, e não ela mesma; em Husserl é ele mesmo o elemento que possibilita o acesso à coisa em si e sua compreensão.

Consciência e objeto não são, com efeito, duas entidades separadas na natureza, que num segundo momento entrariam em relação. Pelo contrário, consciência e objeto se definem respectivamente a partir desta correlação que, podemos dizer, é co-originária. Se consciência é sempre consciência de algo e se o objeto é sempre objeto para consciência, é inconcebível que possamos sair dessa correlação, já que fora dela, não haveria consciência nem objeto. (Ewald, 2008, pp. 404-405).

A possibilidade do conhecimento para Husserl se traduz então na possibilidade da redução da coisa em si à sua essência. Todo o esforço da metodologia fenomenológica se encerra na possibilidade de se alcançar a essência deste vivido, presente nos objetos, pois é dessa maneira que a consciência, e, conseqüentemente, o ente, toma conhecimento do mundo: através da relação direta da consciência com as essências. Tal é a importância do caráter intencional da consciência dentro da ótica husserliana. Pois a intencionalidade se traduz na aceitação de que essa relação não se dá de maneira cindida, ou em partes, mas numa unidade sintética operada pelos dois polos dessa relação, a essência do fenômeno e a consciência.

Husserl também propõe a diferenciação da constituição dos fenômenos, ao tratá-los em duas partes: divide-os como *noesis* e *noema*. Respectivamente, *noesis* e *noema* são “os componentes próprios dos vividos intencionais e seus correlatos intencionais, ou os componentes destes” (Husserl, 1911/2014, p. 203). A *noesis* se relaciona diretamente com os vividos intencionais, tal como *aquilo que é percebido, amado, imaginado, julgado*, etc. O *noema* compreendem os “componentes não reais” (Husserl, 1911/2014), ou seja, aquilo que podemos compreender como sendo seu próprio *sentido*. Assim, o *noema* é obtido através da própria redução da coisa em si a sua essência, ao correlato intencional da experiência. Aqui, Husserl determina que temos acesso ao

conteúdo dos atos da consciência através da explicitação do conteúdo noemático que os compõem, possível através da redução fenomenológica. Porém, ainda em *Ideias I*, Husserl inicia sua “virada transcendental” e diferencia os chamados conteúdos vividos de seus “correlatos intencionais”, ou seja, o *noema*. O *noema* é aquilo com que a consciência conseguirá “tratar”. É o conteúdo noemático que faz parte da transcendência das coisas. É através da obtenção do *noema*, alcançado através da redução fenomenológica, que se obtém também o sentido das coisas e, com isso, o próprio conhecimento em si.

Continuando o desenvolvimento da psicologia fenomenológica, em *Ideias I*, Husserl acredita que esta deveria tratar, como fenômenos psíquicos próprios, os exatos componentes próprios do vivido nomotético, aquilo que se diferencia tanto dos correlatos físicos, como dos correlatos de sentido noemáticos:

O sentido perceptivo *também* faz obviamente parte da percepção fenomenologicamente não reduzida (da percepção no sentido da psicologia). Aqui, portanto, se pode ao mesmo tempo esclarecer como a redução fenomenológica pode passar a ter para o psicólogo a útil função metódica de fixar o sentido noemático em sua nítida diferença com o objeto e de reconhecer algo que pertence indissociavelmente à essência psicológica do vivido intencional – ali apreendida realmente (Husserl, 1911/2014, p. 206).

Assim compreendida, a psicologia em Husserl, e mais especificamente, a partir de *Ideias I*, é “transposta” de uma ciência que necessariamente precisava rejeitar os princípios naturalistas das demais ciências, para então abraçar sua legítima vocação, ao se tornar uma psicologia eidética – a única possível segundo Husserl.

A psicologia, no ideário husserliano, porém, passará por outros desenvolvimentos até atingir aquele modelo manifesto nas lições de psicologia fenomenológica, descrito no capítulo anterior. A partir da diferenciação entre *noesis e noema*, começou a ser construída a possibilidade de

uma *psicologia pura*, que buscava-se diferenciar propriamente da fenomenologia, deixando então espaço para que esta última pudesse se haver especificadamente com questões de ordem transcendentais, ou mais precisamente, dos correlatos intencionais noemáticos. Surgiu dentro do projeto husserliano a noção de “ontologias regionais”, entre as quais se encontra as ontologias regionais psicológicas e as fenomenológicas. Com isso Husserl acreditou – durante algum período de tempo – que poderia ser possível uma psicologia que pudesse se opor a tudo que fosse físico, criando uma categoria de fenômenos que pudesse ter uma existência realmente autônoma em relação a qualquer correlato físico. Mas como bem destaca Porta (2013)

A ideia do psíquico puro, porém, não é, a princípio, mais que um problema, e a questão a ser resolvida é propriamente a determinação de sua possibilidade. O caráter fundamental do psíquico é a intencionalidade ou, dito de outro modo, a síntese particular que ela opera. O ser do psíquico, enquanto intencional, não é outra coisa que o ser do fenômeno. Assim sendo, uma psicologia pura não é outra coisa que uma psicologia autenticamente fenomenológica. (p. 72).

A partir de então, e mais precisamente, entre os anos de 1925 e 1927, Husserl desenvolve a ideia de uma psicologia que alcançasse não apenas o conteúdo dos atos intencionais, enquanto atos vividos, mas a própria constituição da consciência que possibilita a síntese intencional e os nexos intrínsecos derivados da compreensão do funcionamento psíquico que operam tais sínteses. Husserl passa a igualar tanto a psicologia pura (e, posteriormente, denominada *psicologia fenomenológica*) quanto a filosofia fenomenológica (ou também, *filosofia transcendental*) como possuidoras de características “transcendentais”. Porém, seria equivocado dizer que, neste momento, Husserl as identifica como sendo idênticas. Ele estabelece um paralelo entre ambas que, apesar de próximo, apresentam significativas variantes, que são capazes de estabelecer campos de atuação distintos para ambas as disciplinas.

Como já fora dito, Husserl compreende que no cerne do psicologismo repousa um “núcleo de verdade”. Esse núcleo de verdade se torna evidente, a partir da constatação, já citada, de que a psicologia não é apenas uma ciência eidética, mas também possuidora de uma “motivação” transcendental. Aquilo que Husserl começa a descrever como idênticas são a *subjetividade psicológica* e a *subjetividade transcendental*. Mas para compreender plenamente como estas duas subjetividades são uma só, como também assinala Porta (2013), somente será possível estabelecer tal identidade “após o pleno desenvolvimento da psicologia pura” (p. 85). A partir dessa constatação, nos parece que facilmente cairíamos na mesma conflituosa e complexa confusão operada em *Krisis* (Husserl, 2012) que já fora citada no primeiro capítulo deste estudo, em que a Psicologia Fenomenológica por vezes, é confundida como idêntica à Fenomenologia Transcendental. Porém, nossa argumentação, repetindo o já exposto, não irá na direção de diferenciar os campos de atuação - já que ambas se encontram operando com o mesmo caráter transcendental da subjetividade -; a diferença entre ambas se encontra, com dirá Porta (2013) “ não em sua razão de ser (*ratio essendi*), mas em sua razão de conhecer (*ratio cognoscendi*); ou seja, onde cada qual busca o entendimento último da mesma estrutura, porém com abordagens diferentes entre si. Cabe à psicologia fenomenológica a explicitação das relações psíquicas existentes não apenas entre atos vividos e seus correlatos intencionais analisados em si mesmos, mas em como tais resíduos da redução fenomenológica podem auxiliar a compreender a estrutura psíquica – transcendental – e que faça relação direta a universalidade de todos os entes psíquicos possíveis (cf. Husserl, 1962/1977). À psicologia fenomenológica importa encontrar características da subjetividade psicológica que descrevam, explicitem e expliquem as múltiplas relações possíveis entre os diversos entes e suas relações intersubjetividades possíveis, e não apenas a descrição das vivências internas e seus correlatos intencionais. Enquanto que à fenomenologia transcendental cabe a compreensão e a descrição do como as relações dos correlatos intencionais noemáticos são constituídos na própria consciência. Dito de outra forma, a psicologia fenomenológica visa a

compreensão da arquitetura da subjetividade psicológica, por meio da explicitação de seu caráter transcendental universal; enquanto que à filosofia transcendental (ou fenomenologia transcendental) cabe a explicitação do próprio ato de conhecer em si, ou seja, àquilo que possibilita toda e qualquer doação de sentido às próprias essências dos correlatos intencionais. Para Kockelmans (1987)

(...) mesmo que seja verdade que a psicologia fenomenológica, desenvolvida com consistência absoluta, se transforme em fenomenologia transcendental, isso não significa que essas duas ciências sejam completamente idênticas. O sentido dessa afirmação parece ser apenas que a psicologia fenomenológica como ciência teórica necessariamente se esforça para desembocar, enfim, em fenômenos transcendentais. Ou, para colocá-lo de outra forma, a psicologia fenomenológica entendida como separada de um horizonte fenomenológico transcendental é impossível. Em suma, não há psicologia que possa sempre permanecer apenas psicologia. A tentativa de radicalização, características de todas as ciências de uma maneira ou de outra, leva a psicologia fenomenológica teórica, à medida que trata da consciência intencional nos braços da fenomenologia transcendental. Na prática psicológica, no entanto, todo psicólogo deve retornar ao mundo de nossa experiência imediata, aplicando aí suas percepções a homens “reais” em situações mundanas²⁶ (p. 24, *tradução nossa*).

Há outros autores que pensam diferentemente nessa interpretação quanto a transcendentalidade da psicologia fenomenológica. Por exemplo, nos dirá Goto (2008):

²⁶But even if it is true that phenomenological psychology, developed with absolute consistency, turns into transcendental phenomenology, this does not mean that these two sciences are completely identical. The meaning of this statement seems to be only that phenomenological psychology as a theoretical science necessarily strives for and, therefore, also really debouches into transcendental phenomenology. Or to put it in another way, phenomenological psychology understood as separated from a transcendental phenomenological horizon is impossible. In short, there is no psychology that can always remain merely psychology. The endeavor for radicalization, characteristic of every science in one way or another, drives theoretical phenomenological psychology, as it deals with intentional consciousness, into the arms of transcendental phenomenology. In the psychological practice, however, every psychologist must return to the world of our immediate experience, applying there his insights to "real" men in mundane situations (Kockelmans, 1987, p. 24).

A psicologia fenomenológica, ao revelar a consciência pura e as suas duas direções (a direção noética e a direção noemática), não ascende em nada ao problema transcendental. Isso significa que, apesar da psicologia fenomenológica ir diretamente à experiência pura e genuína, e de esclarecer as formas essenciais da consciência, ela se vincula diretamente às experiências singulares e empíricas. (p. 209).

Apesar de constituir-se uma interpretação válida do ideário husserliano, tal visão não parece encontrar apoio suficiente no próprio Husserl. Torna-se uma difícil tarefa, é preciso dizer, diferenciar os momentos onde Husserl fala diretamente a favor de uma psicologia científica de “fatos”, de outros momentos onde ele assume a completa necessidade de se voltar a uma psicologia “pura” de fenômenos eidéticos. Não há como compreender Husserl a partir apenas de uma única obra, ou um único momento de sua vida, tendo em vista que há mudanças substanciais em seu ideário no decorrer de sua obra. Mas se pode procurar resgatar o espírito de seu trabalho, e revelar talvez um fio condutor presente em todo o pensamento husserliano e que se deixa descobrir aos poucos.

Para além da questão, ainda em aberto, sobre se Husserl iguala a Psicologia Fenomenológica à Fenomenologia Transcendental; a proposta de nossa análise não é, de fato, responder a esse dilema, mas tão somente explicitar que o posicionamento de Husserl em relação à psicologia é uma possibilidade de fundação da psicologia sob bases filosóficas e metodológicas que garantam a ela uma independência enquanto ciência, enquanto campo de estudo e, mais importante, com uma teoria sólida que garantam a ela uma estrutura capaz de levá-la a seu pleno desenvolvimento enquanto ciência do psíquico. Portanto, mais do que buscar resolver um dilema que envolve, sobretudo, uma possível disputa entre campos de saber distintos, por um campo de atuação, a saber, entre Psicologia e Fenomenologia. Parece-nos que o mais sensato a se buscar é a criação de um campo intermediário e interdisciplinar que almeje sanar questões de ordem

metodológicas e epistemológicas para a psicologia, garantindo assim sua autonomia e autenticidade científica, enquanto é igualmente desenvolvida uma sólida fundamentação filosófica e teórica para este campo. Acreditamos que assim estaríamos mais próximos das intenções de Husserl para sua Fenomenologia e para sua pretensa fundamentação filosófica da psicologia.

3.3 A questão epistemológica: como fundamentar filosoficamente a psicologia?

Qualquer tentativa de definir a ciência terá que aceitar um grupo de pressupostos dados. O modelo proposto pelo positivismo lógico contemporâneo de Husserl contrabandeava para a ciência a metafísica que diziam descartar através da tese do *fisicalismo*. Para o fisicalismo, todos os termos científicos deveriam ser passíveis de tradução em termos da física, o que implicava uma adesão desnecessária da ciência ao naturalismo e ao materialismo. Decorrentes dessa tese estão também a objetificação do mundo (o mundo é um campo no qual se lança o sujeito, que o conhece a partir da sua capacidade tratá-lo como algo que não se confunde com ele mesmo, o sujeito) e o mecanicismo (a tese cartesiana de que o mundo é uma engrenagem de coisas extensas e que é possível compreender o mundo através da divisão analítica deste em partes). Embora não se confundam com a ciência moderna, esta durante um bom tempo recebeu forte influência dessas três teses. Para além dos pressupostos, existe também a linguagem “universal” do mundo que possibilita também o acesso universal a todos esses aspectos aqui mencionados: a matemática. São as verdades matemáticas que garantem a descrição correta e perfeita do mundo. Portanto, para se compreender o mundo, tal qual ele se deixa conhecer, é necessário que se possa compreendê-lo através da sua “tradução”, ou seja, sua “algoritmização” em termos matemáticos. Esse preceito, como já foi dito anteriormente, foi chamado por Descartes de *mathesis universalis*.

Dentro do ideário Husserliano, como vimos anteriormente, nem todos os fenômenos são passíveis deste enquadramento matemático, e muito menos resistem à tentativa de alocá-los sob os moldes desses pressupostos lançados pelo modelo das ciências modernas. Como vimos, Husserl considera um grande erro da Psicologia Moderna de seu tempo buscar enquadrar os fenômenos psíquicos a tais modelos. Ele critica veementemente essa possibilidade, pois, se a Psicologia pudesse de alguma maneira “naturalizar” os atos e/ou fenômenos mentais, a consequência de tal conquista seria o próprio fim da possibilidade de se fazer filosofia, uma vez que toda a filosofia se funda sob o modelo universal da lógica. Se a lógica então se submetesse a um tipo específico de saber científico, no caso a psicologia – teria sido decretada a “morte” da filosofia, e o início de uma nova concepção de conhecimento a respeito do que seria o próprio pensar. Essa ameaça à filosofia ficou conhecido como *psicologismo*. A este psicologismo Husserl constrói sua crítica desde as Investigações Lógicas, e a vai refinando ao longo de sua produção filosófica. Husserl não se fixa apenas em criticar o psicologismo, ele também oferece uma nova visão acerca das ciências e seu pensamento conduz a uma reformulação da própria filosofia. Ele consegue isso “re-fundando” a filosofia, ao destacar não apenas a lógica como ciência autônoma a qualquer outro saber científico (o logicismo), mas também buscando um *a priori* que funda a própria lógica e a própria matemática simultaneamente: a *lógica pura*. E, o que funda a lógica pura, o que dá condições de argumentar tal aspecto, é a própria noção de intuição, que no ideário husserliano, é tratada como a *intuição eidética*. Como também já foi dito, a intuição eidética em Husserl não se trata apenas de uma constatação metafísica; mas é antes uma via de entendimento que realça o caráter transcendente do pensamento e da própria lógica.

Aqui estamos, mais uma vez, recapitulando o que foi posto no segundo capítulo deste estudo para então nos lançarmos, novamente, sobre a questão: como é possível fundar uma ciência psicológica, com aspirações científicas de validade e universalidade, se seu fenômeno de estudo, a psique e os atos psíquicos, não é passível de medição direta e controle – como exigem os

pressupostos da ciência moderna? Neste ponto Husserl (1954/2012) consegue demonstrar o que não se colocava como uma questão a ser tratada: não é a tentativa de responder a tal dilema que auxiliará a psicologia a alcançar o status científico; ao contrário, é demonstrando que o saber científico – e todo tipo de saber possível – apenas encontra sua possibilidade de constatação através da compreensão do caráter intencional da consciência, ou seja, da constatação de que nosso conhecimento de mundo se dá na obtenção e compreensão das categorias eidéticas que o compõem. Essa mesma base eidética, a todas as ciências, será a mesma base eidética que possibilitará a fundação das ciências do espírito como um todo e, portanto, da própria psicologia. É fundando a psicologia sobre algo que é anterior a própria noção da ciência moderna que será possível a fundação de uma ciência psicológica solidamente alicerçada sobre os moldes da metodologia fenomenológica pretendida por Husserl.

A primeira e mais urgente constatação é essa: a psicologia apenas poderá alcançar seu *status* de cientificidade se aceitar seu caráter eidético indelével. As derivações a partir daí sugerem que a fundação desta nova psicologia precisa, portanto, passar pelo desenvolvimento da psicologia pura, ou seja, a psicologia fenomenológica. Esse campo é o campo intermediário e necessário que possibilitará, segundo o ideário husserliano, o estabelecimento de uma psicologia científica. Trata-se, portanto, de intensificar os esforços dos pesquisadores em psicologia, não em formular leis ou explicações métricas do funcionamento psíquico. É necessário, antes disso, que se estabeleça uma psicologia teórica capaz de alicerçar aquela tão desejada psicologia científica com pretensões de verdade e universalidade. É por isso, que Husserl denominará a psicologia fenomenológica como uma “ciência apriorística”. Quanto ao já exposto, agora nos cabe oferecer uma análise sobre se a proposta husserliana tem algum grau de aplicabilidade, ou, no melhor dos casos, se ela pode resolver a questão epistemológica da psicologia. Até aqui, os argumentos apresentados objetivaram explicitar que a psicologia, bem como as demais ciências do espírito, não são passíveis de adequação ao modelo científico naturalista. O que pode parecer uma grave limitação, na verdade,

demonstra a necessidade de se pensar outro modelo de ciência que abarque todas as tipologias de fenômenos encontradas, e não apenas aquelas estudadas pelas ciências naturais. Diante da limitação do modelo das ciências naturais em lidar com os tipos específicos de fenômenos das ciências do espírito, fica evidente a necessidade de se resgatar a possibilidade de autenticidade e validação dessas novas ciências. Em consonância com tal ponto, Merleau-Ponty (1973) nos explicita o pensamento de Husserl:

Como tenta Husserl enfrentar essa dificuldade? É-lhe preciso descobrir um modo de conhecimento que não seja o conhecimento dedutivo, nem tampouco o conhecimento simplesmente empírico. Faz-se necessário um conhecimento conceitual, que não se desvincule do fato, e que seja contudo filosófico, ou pelo menos não torne impossível a existência do sujeito filosofante. É indispensável que nossa vida não se constitua apenas de eventos psicológicos contingentes e que, através do acontecimento psicológico, se revele um sentido irreduzível às particularidades do fato. A esta emergência do verdadeiro através do fato psicológico, Husserl chama a intuição das essências, ou “*Wessenchau*” (p. 27).

O que através das argumentações husserlianas foi aqui proposto, na verdade, foi a necessidade de uma nova re-fundação da ciência e de seus pressupostos. Husserl põe em questão até mesmo o uso da linguagem universal, a *mathesis universalis*. Ele descobre que nem mesmo a matemática é capaz de fundar ela própria o saber científico. Ele evidencia que a matemática como uma ciência eidética é também dependente de uma lógica que a antecede. A fenomenologia em Husserl nasce então a partir da necessidade em se explicitar a lógica pura subjacente à matemática e a qualquer possibilidade de conhecimento. Através de sua análise percebe-se ser necessário redescobrir a fundamentação da lógica a partir da descrição dos atos da consciência e da intuição eidética, que destes é constitutiva. Em suas *Investigações Lógicas* (Husserl, 1900/2014), que serviram de base para toda sua filosofia posterior, Husserl buscou resgatar o papel importante da

intuição no conhecimento humano e na própria filosofia. Ele demonstra que é possível tratar a intuição não apenas como mera subjetividade ou até mesmo como uma intuição de caráter místico; pelo contrário, ele insistirá que a intuição é primaz quando se trata de buscar evidências de verdade. De fato, é a própria intuição que subjaz toda e qualquer condição de verdade. Nesse sentido, Fontana (2007) argumenta: que “O método descritivo da fenomenologia permite resgatar o conceito de intuição como o fundamento da evidência originária, ou seja, a intuição de essências faz ver a verdade última dos fenômenos”.

Neste sentido, a intuição eidética (ou intuição das essências) é um tipo mais racional e evidente que a nossa própria percepção. Na verdade, não é a visão das essências uma visão passiva, ou perceptiva; antes, é ela uma visão intelectual (*Einsicht*). A visão das essências é o último resíduo da análise fenomenológica, e que garantirá toda e qualquer possibilidade de verdade:

A visão intelectual, a evidência, é um processo irreduzível; por seu núcleo é a unidade que forma uma posição racional. Para designar toda tese racional usa-se "evidência originária". A chamada fenomenologia da razão é aquela envolvida com o problema da realidade e sua legitimação racional na consciência pura. O método da visão orienta os estudos das essências dos vividos puros. Este ver é um ato doador originário. Explicado como a primeira forma fundamental da consciência racional. (Fontana, 2007, p. 171)

Compreendendo, portanto, que a Psicologia Fenomenológica nasce em Husserl à partir da própria constatação de que a intuição eidética é o campo fundador de toda e qualquer possibilidade de verdade e que, portanto, o caráter também eidético da psicologia tem aí sua origem; parece-nos, por ora, satisfatório que aceitemos que aqui a proposta husserliana, consegue dar suporte para uma epistemologia que garanta uma futura ciência psicológica. Porém, apenas garantir uma fundamentação epistemológica não é ainda o suficiente para se ter uma ciência psicológica. Ainda é

necessário obter um caráter de universalização dos fenômenos estudados. Este é um problema clássico na história da filosofia, e que também se repete na psicologia. Estamos falando do *problema da indução*. Na próxima sessão trataremos deste ponto.

3.4 A questão científica: como validar o conhecimento psicológico?

O método indutivo, como já dissemos, foi vetado por Kant como inadequado para as ciências em geral e, portanto, para a psicologia em particular. O método indutivo não parece, a princípio, garantir alguns pressupostos básicos da ciência moderna, como a possibilidade de testabilidade de hipóteses, mensuração dos fenômenos estudados, etc. Porém, como já argumentamos anteriormente, segundo as proposições husserlianas, não são esses pressupostos que garantem a validação do conhecimento científico, mas sim a explicitação de uma lógica adjacente aos fenômenos. Ademais, como também irá defender Merleau-Ponty (1973), apenas através de uma análise intrínseca à consciência será possível alcançar a subjetividade:

Para se chegar a uma concepção que mantenha a originalidade radical da consciência, é indispensável uma análise de outro tipo, capaz de descobrir, em nossa experiência própria, o sentido mesmo ou a essência de toda psique possível. Só saberemos finalmente o que é a consciência sob a condição de apreendermos em nós o seu sentido interior, e, assim, obtermos dela uma intuição eidética. A consciência só é suscetível de uma análise intencional e não de simples constatação ou observação. Ora, o psicólogo é sempre levado a fazer da consciência um objeto de constatação. Assim, todas as verdades de fato que pertencem à psicologia são aplicáveis ao sujeito concreto que eu sou somente através de uma correção ou de uma retificação filosófica. A indução, partindo dos fatos e os coligindo, é o método

da psicologia empírica, assim como da física ou das ciências da natureza; evidentemente, porém, esta indução permanece cega se, por outras vias, não conhecermos interiormente a consciência que esta indução visa a determinar (Merleau-Ponty, 1973, p. 33).

O método indutivo reaparece em Husserl não apenas em oposição ao método hipotético-dedutivo amplamente aceito nas ciências modernas, mas como constatação de sua original acepção, em que, por indução, se conhecem todas as coisas. E mais, é apenas compreendendo que através deste processo de conhecimento, explicitado pelo método fenomenológico, é que se revela a natureza eidética de nossa relação com o mundo; é que apenas através deste é possível fundamentar a própria ciência enquanto tal seja ela ciência da natureza ou do espírito.

Husserl, porém, como já o dissemos, não se atém apenas no que seria a constatação e revelação do fundamento último do conhecimento, mas revela que a possibilidade de compreensão do mundo não se encontra nas evidências matemáticas, mas em algo anterior que a possibilite, a própria lógica pura. Contudo, apenas a obtenção da lógica intrínseca aos fenômenos não parece garantir também sua validação. Por outro lado, o método indutivo, que busca generalizações de leis a partir dos casos particulares, parece ser o mais indicado para os fenômenos psíquicos, já que não é possível o acesso direto aos fenômenos psíquicos de outros entes. Como não há acesso direto a experiência do outro, mas há acesso direto a minha própria experiência, surge a pergunta: será possível o acesso aos fenômenos psíquicos de outros entes – que não o eu mesmo - a partir da experiência que eu tenho destes? E mesmo se fosse possível esse acesso, via a própria experiência, seria possível, fundamentar uma ciência, um conjunto de saberes, a partir de um método tão facilmente questionável, principalmente, em sua validação?

Faz-se necessário encontrar características do aspecto da subjetividade que sustentem tais generalizações. A principal delas já nos foi apontada por Husserl ao afirmar que, toda subjetividade,

é subjetividade fenomenológica; e que toda subjetividade fenomenológica, é também ela, subjetividade transcendental (cf. Porta, 2013). Compreendido dessa maneira, o caráter transcendental da subjetividade não possui outra função que não possibilitar a compreensão e o acesso à subjetividade transcendental que faça parte de todas as demais subjetividades particulares, e nelas esteja presente. A transcendentalidade da subjetividade deverá possibilitar um ponto de interseção entre todas as subjetividades particulares. Surge então a possibilidade de se pensar não apenas um “eu transcendental” solipsita, mas uma “comunidade de mônadas” que partilham entre si o mesmo aspecto transcendental da subjetividade (cf. Husserl, 1954/2012). E esse aspecto transcendental da subjetividade Husserl irá denominar de *intersubjetividade*.

Husserl, apesar de não se dedicar demoradamente ao aspecto da intersubjetividade nos escritos da Husserliana IX – sobre o quais nos debruçamos no capítulo anterior -, o fez de maneira bastante intensa em outras obras – ainda não publicadas para o português, nem para o inglês – que compõem, consecutivamente, os volumes 13, 14 e 15 da Husserliana²⁷. Foge, porém, do escopo de nossa pesquisa a análise dessas obras²⁸, mas desde já é possível destacar que este tema tem sido bastante estudado por outros pesquisadores da área da atualidade (Cadeña, 2015; Hutcheson, 1981; Overgaard, 2006; Zahavi, 2001; Zahavi, 2006), o que indica sua relevância teórica. .

De fato, o conceito de intersubjetividade tem aplicações em diversas áreas. O que defendemos aqui, porém, é que a assimilação e a aceitação do caráter intersubjetivo das vivências psíquicas não é mera descrição, mas possibilidade de alcance de fundamentação de uma ciência psicológica. Diante dos diversos vetos aos quais já se colocou a possibilidade de uma ciência

27 Husserl, E. (1973a). Zur Phänomenologie der Intersubjektivität: *Erster Teil: 1905-1920*. von Iso Kern (Ed.).

Husserliana 13. The Hague: MartinusNijhoff.; Husserl, E. (1973b). Zur Phänomenologie der Intersubjektivität:

Zweiter Teil: 1921-1928. von Iso Kern (Ed.). Husserliana 14. The Hague: MartinusNijhoff.; e Husserl, E. (1973c).

Zur Phänomenologie der Intersubjektivität: *Dritter Teil: 1929-1935*. von Iso Kern (Ed.). Husserliana 15. The

Hague: MartinusNijhoff.

28 Esperamos, porém, nos dedicar a este tema em pesquisas futuras, principalmente numa possível tese de doutorado.

psicológica – em destaque, para os vetos kantianos –, e diante de tantas outras tentativas realizadas ao longo dos séculos XIX, XX e XXI, marcadas principalmente, pela formatação naturalista em ciências – que ainda persiste até os dias atuais (Castañon, 2009) –, a visão husserliana parece oferecer bases de uma ciência autônoma, sob moldes que se adequam de maneira mais justa à complexidade do tratamento dos fenômenos psíquicos. Destacando principalmente o aspecto intersubjetivo da realidade psíquica, talvez fosse possível uma ciência psicológica que pudesse garantir a validade de seus pressupostos pela repetibilidade de tantas e tantas vivências, não apenas seus tipos, mas na multiplicidade da comunidade de seres que compartilham tais vivências. Talvez seja possível enunciar, das vivências psíquicas, suas características fundamentais, suas diversas conformações culturais e históricas, e até mesmo destacar as necessidades fundamentais das vivências psíquicas humanas, tais como a liberdade, autonomia, realização e transcendência. Estes aspectos são defendidos por diversos filósofos, mas agora talvez possam encontrar validação na própria ciência psicológica. Assim poderiam deixar de ser apenas parte de uma crença ou análise filosófica, e passar a participar de um conjunto de conhecimentos científicos. Espera-se que o retorno às bases filosóficas da psicologia, como foi defendido por Husserl, possa ser alcançado. Acreditamos que com isso a psicologia possa voltar a ser uma “psicologia com alma” (Jung, 1986), e, portanto, retomar sua vocação primeira. Dessa forma a “psicologia poderá ultrapassar sua crise interna promovida pela ciência e retomar o autêntico sentido de sua motivação originária de ser ciência universal do psíquico” (Goto, 2008, p. 183).

Conclusão

Buscamos no decorrer de nosso trabalho levantar algumas evidências a favor de nossas hipóteses, que são: 1) a Fenomenologia de Husserl fornece possibilidades para se pensar uma psicologia de bases eidéticas, que se configure numa “ciência universal do psíquico”; 2) a Psicologia Fenomenológica de Husserl oferece uma propedêutica plausível para fundamentar uma Psicologia Científica, com rigor nos seus métodos, e que estejam adequados a especificidade da natureza eidética e transcendental dos fenômenos psíquicos; e 3) a partir desse estudo será possível embasar uma pesquisa viável no campo da intersubjetividade, para sustentar um modelo metodológico plausível para uma pretensa Psicologia Científica de bases eidético-transcendentais.

Estes pontos foram abordados direta e indiretamente durante nosso estudo. Obviamente, não se esgotam aqui as possibilidades de abordagens destes pontos levantados, e de tantos outros pertinentes a estes. O que se buscou foi esclarecer a importância de se aprofundar no conhecimento do ideário husserliano e de sua Psicologia Fenomenológica, a fim de que equívocos por ora recorrentes – principalmente, no campo da Psicologia Clínica – possam ser suprimidos e reorientados para uma visão mais próxima daquela proposta pelo próprio fundador da Fenomenologia. Almeja-se que, com este trabalho, outros pesquisadores interessados no tema

possam aprofundar o estudo a respeito do ideário husserliano, buscando sempre um retorno ao estudo de suas obras e da proposta de fundamentação da psicologia e das demais ciências do espírito. A Psicologia Fenomenológica não pode apenas ficar restrita a um modelo de atuação clínica, ou mesmo a um parco e pouco esclarecido modelo de investigação, que muito se assemelha a uma descrição solipsista das experiências vividas pelo pesquisador – e que nada tem de “fenomenológica”. Nosso principal objetivo foi deixar clara a necessidade de se resgatar os objetivos husserlianos ao tratar de um tema tão importante quanto a fundamentação da Psicologia, e como sua estreitíssima relação com a Fenomenologia ainda carece de aprofundamento e desenvolvimento.

A Psicologia carece de uma melhor fundamentação de suas práticas e a Fenomenologia precisa ser redescoberta na finalidade de uma fundação rigorosa das ciências. A crítica husserliana ao modelo positivista em nada se assemelha a uma crítica atual, relativista, pós-moderna das ciências. Antes, é um apelo a um retorno de um ideal – há muito esquecido – de racionalidade e rigor filosófico que possa oferecer condições de desenvolvimento e aprofundamento da compreensão do fenômeno humano e dos “nexos intrínsecos da subjetividade”.

Acreditamos ser possível uma compreensão pormenorizada do aspecto intersubjetivo da vivência psíquica, que possa revelar a intrínseca e inseparável relação das subjetividades que não podem ser compreendidas fora de uma consonância com a comunidade de outras subjetividades existentes. Tal qual a necessária relação intencional, inseparável na constituição do fenômeno; assim também parece se comportar o fenômeno da subjetividade, que não tem outra constituição que não uma relação intersubjetiva com outras subjetividades, como dirá Husserl (1963/1988):

O fato de o *ego* e o *alter-ego* serem sempre necessariamente dados num *acoplamento original* encontra-se em estreita relação com esta primeira particularidade. O acoplamento – quer dizer, uma configuração em “pares” que, em seguida, se torna

uma configuração em grupo, em multiplicidade – constitui um fenômeno universal da esfera *transcendental* (e, paralelamente, da esfera psicológica intencional) (p. 143).

Portanto, parece-nos urgente a necessidade desta “redescoberta” do ideário traçado por Husserl a fim de que se possa enriquecer tanto a Psicologia, enquanto ciência, mas, para além disso, o conhecimento a respeito do fenômeno humano. Isso para que, nos dizeres de Husserl, a própria ciência possa reencontrar sua vocação primeira, que é a de promover a evolução da humanidade como um todo, e para que as “meras ciências de fato” não continuem gerando apenas “meros homens de fatos” (Husserl, 2012).

Bibliografia

- Araújo, S. F. (2010). *O Projeto de uma Psicologia Científica em Wilhelm Wundt: Uma nova interpretação*. Juiz de Fora: Ed. UFJF.
- Brentano, F. (1935). *Psicología desde un punto de vista empirico*. Madrid: Revista de Occidente. (Obra originalmente publicada em 1874).
- Cadeña, N. B. de la (2015). A importância da intersubjetividade para Husserl. *Cadernos da EMARF, Fenomenologia e Direito*. 8 (1), 47-63.
- Castañon, G. A. (2006). *O Cognitivismo e o desafio da psicologia científica*. Tese de doutoramento não publicada. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Psicologia, Rio de Janeiro.
- Castañon, G. A. (2009). Psicologia como Ciência Moderna: vetos históricos e status atual. *Temas em Psicologia*. 17(1), 21-36.
- Castro, T. G. (2000). *Lógica e Técnica na Redução Fenomenológica: Da Filosofia à Empiria em Psicologia*. Dissertação de mestrado não publicada. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Psicologia, Porto Alegre.
- Descartes, R. (2013). *O Discurso do Método* (Paulo Neves, Trad.). Porto Alegre: Ed. L&PM. (Obra originalmente publicada em 1637)
- Dilthey, W. (1951). *Psicologia y Teoria del Conocimiento*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica.

- Drummond, J. J. (2007). *Historical Dictionary of Husserl's Philosophy*. Lanham: Scarecrow Press.
- Ewald, A. P. (2008). Merlau-Ponty, Sartre e Heidegger: três concepções de fenomenologia, três grandes filósofos. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*. 8 (2), 402-435.
- Feijoo, A. M. (2011). *A existência para além do sujeito: A crise da subjetividade moderna e suas repercussões para a possibilidade de uma clínica psicológica com fundamentos fenomenológico-existenciais*. Rio de Janeiro: Viaverita.
- Feijoo, A. M. & Mattar, C. M. (2014). A Fenomenologia como Método de Investigação nas Filosofias da Existência e na Psicologia. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 30 (4), pp. 441-447.
- Filho, O. M. S. (1995). *A Física de Helmholtz e suas bases filosóficas*. Revista da SBHC. 13, 53-64.
- Fontana, V. F. (2007). Intuição das Essências na Fenomenologia de Husserl. *Revista Faz Ciência*. 9(1), 167-184.
- Forghieri, Y. C. (2012). *Psicologia Fenomenológica: Fundamentos, Método e Pesquisas*. São Paulo: Cengage Learning.
- Giorgi, A. & Souza, D. (2010). *Método Fenomenológico de Investigação em Psicologia*. Lisboa: Ed. Fim de Século.
- Goto, T. A. (2008). *Introdução à Psicologia Fenomenológica: a nova psicologia de Edmund Husserl*. São Paulo: Ed. Paulus.
- Holanda, A. F. (2016). Fenomenologia e Psicologia no Brasil: aspectos históricos. *Estudos de Psicologia*. 33(3), 383-394.
- Hume, D. (2000). *Tratado da Natureza Humana*. (D. Danowski, trad.). São Paulo: Ed. Unesp. (Obra originalmente publicada em 1739).
- Husserl, E. (1957). Dilthey-Husserl: en torno a la Filosofía como ciencia estricta y al alcance del historicismo : correspondencia entre Dilthey y Husserl de 29 junio, 5/6 julio y 10 julio de 1911. *Rev. de Filosofía da Universidade de Costa Rica* 1(2), 1957, 101-124. Disponível em: <http://www.inif.ucr.ac.cr/recursos/docs/Revista%20de%20Filosof%C3%ADa%20UCR/Vol.>

%20I/No.2/Dilthey%20Husserl%20-%20En%20torno%20a%20la%20Filosofia%20como
%20Ciencia%20estricta%20y%20al%20alcance%20del%20historicismo..pdf

Husserl, E. (1970). *Philosophie der Arithmetik*. Husserliana, vol. XII. The Hauge: MartinusNijhoff.
(Obra originalmente publicada em 1891).

Husserl, E. (1962/1977); *Phenomenological Psychology: Lectures, Summer Semester 1925* (John Scanlon, trad.). Den Haag: Martinus Nijhof. (Obra originalmente publicada em 1962)

Husserl, E. (1988). *Meditações Cartesianas: Introdução à Fenomenologia*. (M. G. Lopes e Sousa, trad.). Porto: Ed. Rés. (Obra originalmente publicada em 1963)

Husserl, E. (1988). *Investigações lógicas: sexta investigação (elementos de uma elucidação fenomenológica do conhecimento)*. (Z. Loparic, trad.). São Paulo: Ed. Nova Cultural.

Husserl, E. (2001). *Psychologie Phénoménologique: 1925-1928* (P. Cabestan, trad.). Paris: Vrin.

Husserl, E. (2006). *Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica* (M. Suzuki, Trad.). 5ª Ed. Aparecida: Ed. Ideias e Letras. (Obra originalmente publicada em 1911)

Husserl, E. (2007). *La filosofía como ciencia estricta* (E. Tabernig, Trad.). Buenos Aires: Ed. Terramar. (Obra originalmente publicada em 1911)

Husserl, E. (2012). *A Crise das Ciências Europeias e a Fenomenologia Transcendental: Uma introdução à Filosofia Fenomenológica* (P. M. S. Alves, Trad.). Rio de Janeiro: Ed. Forense Universitária (Obra originalmente publicada em 1954).

Husserl, E. (2014). *Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica* (M. Suzuki, Trad.). 5ª Ed. Aparecida: Ed. Ideias e Letras. (Obra originalmente publicada em 1911)

Husserl, E. (2014). *Investigações Lógicas: Prolegômenos à Lógica Pura*. (D. Ferrer, trad.). Rio de Janeiro: Ed. Forense Universitária. (Obra originalmente publicada em 1900)

Hutcheson, P. (1981). Solipsistic and Intersubjectivity Phenomenology. *Human Studies*. 4, 165-178.

Jung, C. G. (1986). *A Natureza da Psique*. Petrópolis: Ed. Vozes.

- Kant, I. (1974). *Crítica da Razão Pura*. São Paulo: Abril Cultural. p.7-98. (Coleção Os Pensadores, XXV)
- Kockelmans, J. J. (1987). Husserl's Original View on Phenomenological Psychology. Joseph J. Kockelmans. In: J. J. Kockelmans (Ed.) *Phenomenological Psychology* (Phenomenologica; 103) (pp. 3-29). Dordrecht: MartinusNijhoff.
- Köhler, W. (1980). *Psicologia da Gestalt*. (D. Jardim, trad.). Belo Horizonte: Itatiaia Editora (Obra originalmente publicada em 1929)
- Kuhn, T. S. (1998). *A Estrutura das Revoluções Científicas* (B. V. Boeira, Trad.). 5ª ed. São Paulo: Ed. Perspectiva. (Obra originalmente publicada em 1962)
- Kuhn, T. S. (1998). *A Estrutura das Revoluções Científicas* (B. V. Boeira, Trad.). 5ª ed. São Paulo: Ed. Perspectiva. (Obra originalmente publicada em 1962)
- Liotard, J. (2008). *A Fenomenologia*. Lisboa: Edições 70.
- Meleau-Ponty, M. (1973). *Ciências do Homem e Fenomenologia*. (S. T. Muchail, trad.). Saraiva: São Paulo.
- Moran, D. (2012). *The Husserl Dictionary*. Dublin: Research Gate. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/270901919>
- Overgaard, S. (2006). The problem of other minds: Wittgenstein's Phenomenological perspective. *Phenomenology and the Cognitive Sciences*. 5, 53–73
- Pereira, O. P. (2001). *Ciência e dialética em Aristóteles*. Vol. 1. São Paulo: Ed. UNESP.
- Peres, S. P. (2014). O Desenvolvimento do Projeto de uma Psicologia Fenomenológica em Husserl. *Psicologia em Pesquisa*. 8 (2), 221-229.
- Penna, A. G (1991). *A História das Ideias Psicológicas*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Ed. Imago.
- Porta, M. A. G. (2013). Edmund Husserl: psicologismo, psicologia e fenomenologia. São Paulo: Ed. Loyola.

- Zahavi, D. (2001). Beyond Empathy: Phenomenological Approaches to Intersubjectivity. *Journal of Consciousness Studies*. 8, 151–167.
- Zahavi, D. (2006). *Husserl and Transcendental Intersubjectivity: A Response to the Linguistic pragmatic Critique*. Ohio: Ohio University Press.